



PUC
RIO

MONIQUE BERTRAND

PERSONALIDADE E ENVELHECIMENTO :

- UM ESTUDO SOBRE AS DIFERENÇAS INDIVIDUAIS NA VELHICE -

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 20 de março de 1992

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea

CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil

<http://www.puc-rio.br>

N.Chamada: 150 / B549p / TESE UC

Título: Personalidade e envelhecimento:



Ex: 2-CENTRAL

1827

MONIQUE BERTRAND

PERSONALIDADE E ENVELHECIMENTO:

UM ESTUDO SOBRE AS DIFERENÇAS INDIVIDUAIS NA VELHICE *

Dissertação apresentada ao Departamento
de Psicologia da PUC-Rio, como parte
dos requisitos para obtenção do título
de Mestre em Psicologia.

ORIENTADORA: ANGELA BARAF PODKAMENI

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
Rio de Janeiro, 20 de Março de 1992



UC. 39261-4

38948

150
0549P
RESERV

A meus avós Helena e Pêpe, a origem de todos
esses questionamentos;

A minha mãe Hélène, pelo incentivo carinhoso
em todas as etapas deste trabalho;

A meu marido Alex, por sua palavra amiga
nos momentos mais difíceis.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPQ, cuja bolsa de estudos tornou possível o acesso ao mestrado;

A Angela Podkameni, pela dedicação e interesse com que orientou este trabalho;

A meu irmão André, pela assessoria no uso do computador;

A todos os amigos que me ajudaram a reunir os sujeitos desta pesquisa;

A todos os idosos que possibilitaram a realização do presente estudo.

RESUMO

Este trabalho consiste em um estudo de campo exploratório ex post facto, que tem por objetivo investigar as diferenças individuais na velhice, a partir da relação entre personalidade e atitude frente ao envelhecimento.

Os fundamentos teóricos contaram com a teoria da personalidade de Allport e as contribuições de Thomae, Atchley, Mishara, Baker, Petrie, Sales e Silverman acerca das diferenças individuais na velhice.

A metodologia empregada incluiu uma pesquisa preliminar que se utilizou do método de observação participante em uma instituição particular de amparo a velhice, com a finalidade de obter subsídios para a delimitação deste estudo junto a idosos não institucionalizados. Posteriormente, foram realizadas vinte entrevistas de histórias de vida com idosos de ambos os sexos.

Utilizou-se a técnica de análise de conteúdo para proceder a uma análise qualitativa dos dados.

Os resultados obtidos indicam que: a) A velhice pode ser entendida como um prolongamento das fases que a antecederam, e nessas se pode notar uma certa direção na forma de agir que se mantém ao longo do percurso vital; b) as pessoas idosas que apresentam uma personalidade madura, adotam uma atitude positiva frente ao envelhecimento; c) o envelhecimento é um processo individual, cujas particularidades estão relacionadas às diferenças de personalidade.

ABSTRACT

This is an exploratory field study ex post fact which major objective is to identify the elderly individual differences, concerning the relationship between personality and attitude in front of the process of becoming older.

The theoretical groundwork was based on Allport personality theory and the elderly individual differences studies of Thomae, Atchley, Mishara, Baker, Petrie, Sales and Silverman.

The methodology used was a process of active observation in a private institution for old people, with the objective to get data in order to establish parameters to perform this study, which was directed to aged people living out of any institution. Further, twenty life story interviews were held with ten men and ten women.

A quality analysis was performed on the life story interviews using the technique of content analysis.

The final results indicate that: a) the elderly is a consequence of former life phases, that is, a continuous process of former steps of life where it is possible to notice a behavior direction which is present along the life cycle; b) the aged people who indicates a mature personality have a positive attitude in front of the process of becoming older; c) the aging is an individual process which present particularities related to personality differences.

SUMÁRIO

I - INTRODUÇÃO	1
II - ABORDAGEM TEÓRICA	5
2.1 Conceituação da velhice	5
2.2 A teoria da personalidade de Allport	13
2.3 Outras contribuições teóricas	29
2.3.1 O modelo cognitivo da personalidade adulta por H. Thomae	29
2.3.2 A teoria da continuidade de Robert Atchley	31
2.3.3 As diferenças individuais nos idosos a partir do estudo experimental da modulação da intensidade do estímulo	35
2.4 Discussão da abordagem teórica	37
III - METODOLOGIA	46
3.1 Etapa preliminar da pesquisa: A observação participante de campo (uma experiência com o idoso institucionalizado)	49
3.1.1 Aspectos introdutórios	50
3.1.2 Descrição do ambiente e rotina de funcionamento	50
3.1.3 A entrada do idoso na instituição e suas consequências	54
3.1.4 O papel da família	61
3.1.5 Os problemas da instituição	64
3.1.6 Comentário final	66

3.2 A pesquisa: Histórias de vida de idosos não institucionalizados	68
3.2.1 O método história de vida	68
3.2.2 As entrevistas	70
3.3 Análise dos dados	73
IV- RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	81
V- CONCLUSÃO	104
VI- BIBLIOGRAFIA	110

I - INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho em seu aspecto mais amplo consiste em combater a imagem pejorativa da velhice. Esse estereótipo estigmatiza o idoso que sofre pelas consequências dos preconceitos sociais relativos à idade avançada; ele é desrespeitado e desvalorizado em nossa cultura, em que a velhice e incapacidade são sistematicamente associadas.

Durante anos convivemos com uma realidade que ia de encontro a imagem negativa da velhice adotada em nossa sociedade, onde referir-se a uma pessoa como velho(a), soa quase como uma ofensa e logo surge alguém "gentil" que corrige a mensagem afirmando rapidamente que o outro(a) não está tão velho(a) como queriam fazer parecer.

Nossa experiência mostrava as pessoas idosas como seres que contribuíam com os mais jovens realizando uma série de tarefas que se mostravam companhias agradáveis; tinham sempre coisas a ensinar, e principalmente paciência para fazê-lo.

Esse convívio com idosos permitiu que observássemos uma série de diferenças individuais que se tornavam evidentes a partir dos comportamentos distintos que apresentavam entre si, ainda que em situações semelhantes.

Verificamos que o "jeito de ser" de alguns idosos parecia favorecer uma vivência mais tranquila e alegre da velhice.

Surgiu, então, o interesse de sistematizarmos um estudo que envolvesse personalidade e envelhecimento.

Havia uma necessidade de obtermos mais dados acerca dessa população no que tange às questões que pretendíamos investigar. A oportunidade de realizarmos uma observação participante em uma instituição particular de amparo a velhice veio atender a esse anseio. Pareceu-nos ideal a situação de observarmos vários idosos submetidos a uma série de condições comuns a todos. Seriam os comportamentos desses idosos institucionalizados semelhantes ou distintos?

No contato com essas pessoas surgiram evidências que nos levaram a pensar o envelhecimento como um processo que tem início com o nascimento e segue continuamente até o fim da vida. Parecia-nos que para compreendermos qualquer momento do ciclo vital, deveríamos nos remeter aos momentos que o antecederam.

Após um ano e meio de observação participante nessa instituição obtivemos subsídios para ampliar nossa investigação à população que constituía o foco de nosso interesse, o idoso não institucionalizado. Em decorrência de nossas impressões iniciais optamos por utilizar o método história de vida nas investigações junto a essa população.

No período em que realizamos a observação participante de campo procuramos fundamentar teoricamente nossas

conjeturas pesquisando autores que enfatizassem a questão das diferenças individuais no processo de envelhecimento. Optamos pela teoria da personalidade de Allport por sua abrangência, ao considerar aspectos hereditários e ambientais na constituição da personalidade e por sua ênfase na singularidade do processo de desenvolvimento. Selecionamos ainda os estudos de Thomae, Atchley, Mishara, Baker, Petrie, Sales e Silverman que contribuem para a compreensão das diferenças individuais na velhice, sob seus diversos aspectos.

A importância deste trabalho está em propor novas formas de se pensar o envelhecimento, a partir de um enfoque que se contrapõe ao fatalismo que costuma cercar o assunto. Ao enfatizarmos a personalidade e o aspecto de continuidade do processo de envelhecer, apontamos para o fato de que a velhice é construída ao longo da vida. Logo, a forma como conduzimos nossas vidas pode ser em grande parte responsável pela velhice que possamos ter.

Assim, ao invés de nos vermos limitados pelas conhecidas e desanimadoras generalizações acerca da terceira idade, nos deparamos com um leque de possibilidades que se abre em torno do conceito de singularidade no processo de envelhecimento.

Por fim, desejamos ressaltar que esse trabalho não pretende se estender ao estudo de variáveis externas, de caráter predominantemente sócio-econômico, que possam influenciar o bem estar na velhice.

Contudo, isto não significa que ignoremos a relevância de tais contingências. Apenas, ao delimitarmos este estudo, optamos por nos deter às variáveis dos próprios sujeitos. De forma que este trabalho não visa ser um tratado sobre a velhice e sim contribuir para a compreensão das diferenças interpessoais existentes no relacionamento dos idosos com a sua condição de idade avançada.

Acreditamos que as variáveis da personalidade sejam de alguma forma responsáveis pelas diferentes atitudes observadas frente às diversas pressões externas que atingem a terceira idade, o que constitui uma das principais razões que nos levaram a investigar mais profundamente este aspecto, dentro do universo de questões relacionadas ao envelhecimento.

Iniciamos este trabalho a partir da conceituação da velhice e definição dos termos empregados; segue-se a abordagem teórica de acordo com as bases anteriormente mencionadas e a metodologia utilizada, que envolve um relatório sobre a observação participante realizada e a análise das histórias de vida coletadas.

II- ABORDAGEM TEÓRICA

Neste capítulo apresentamos o referencial teórico deste estudo: partimos da conceituação de velhice; seguimos com a teoria da personalidade de Allport e com as contribuições de Thomae, Atchley, Mishara e Baker, Petrie, Sales e Silverman, cujas idéias servem de complemento para a compreensão do objeto do nosso estudo, que vem a ser a influência das diferenças individuais no processo de envelhecimento. Por fim, acrescentamos nossas considerações a partir dos diversos aspectos teóricos levantados por esses autores.

2.1 CONCEITUAÇÃO DE VELHICE :

Encontramos diversas definições de velhice. A seguir reproduzimos algumas das mais aceitas:

"Período da vida que sucede à idade madura. É o período no decurso do qual as funções se tornam mais lentas. Na espécie humana, manifesta-se principalmente a partir dos sessenta anos, se bem que alguns de seus traços possam aparecer ao longo da vida (numerosos casos de calvície masculina a partir dos vinte anos, diminuição da elasticidade da bexiga urinária desde a infância, aparecimento de rugas desde a adolescência etc.). Suas principais marcas são a esclerose (perda da elasticidade de todos os tecidos e órgãos), a descalcificação (fratura espontânea do colo do fêmur), a fraqueza muscular, a queda dos dentes, a canície (cabelos brancos), a parada da atividade genital, a diminuição do peso e do tamanho, o enfraquecimento da visão, da audição, da sensibilidade tátil e gustativa e das faculdades mentais. O comprometimento nervoso ou psíquico caracteriza a senilidade, doença frequente nos velhos, mas à qual muitos escapam totalmente. A profilaxia ou, pelo menos, o retardamento da velhice são condicionados por um conjunto de fatores, cujo estudo constitui a gerontologia." (Grande Enciclopédia Delta Larousse, Ed. Delta s.a., Rio de Janeiro, 1971, v.15, p.6957).

Oswaldo Fustioni, membro titular da Academia Nacional de Medicina da Argentina, considera que:

"Contanto que levem uma vida normal, os seres humanos passam por uma série de três estágios desde o nascimento até a morte: o primeiro, época de progresso, desenvolvimento e evolução, é a juventude; o segundo, época da estabilização e equilíbrio, é a idade adulta e a maturidade; e o último é a época da regressão ou velhice.

O gerontologista francês ~~Huet propôs~~, para o último estágio, a designação Terceira Idade e este termo ganhou logo aceitação geral.

Considera-se que a Terceira Idade tenha seu princípio cronológico na época comumente declarada em muitos sistemas legislativos de aposentadoria por emprego lucrativo, cuja faixa varia de 60 a 65 anos, mas, de fato, as mudanças características da Terceira Idade já começam a tornar-se evidentes mais cedo" (Fustioni, 1982 apud Haddad, 1986, p.25)

O presidente da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (1979), Marcos Smith Angulo, posiciona-se da seguinte forma:

"Não há unanimidade a respeito do conceito de velhice. Alguns autores afirmam que o envelhecimento inicia-se imediatamente após a fecundação, porque no organismo de um indivíduo inúmeras células envelhecem, morrem e são substituídas antes dele nascer. Tal afirmativa, porém, não contribui com qualquer valor prático na determinação dos parâmetros de um indivíduo idoso.(...) A Organização Mundial de Saúde considera a idade de 65 anos, como limite inicial caracterizador da velhice. Essa assertiva, embora por demais simplista, é usada por todos os estatísticos que documentam a geriatria, estabelecendo um mero valor cronológico, o qual, na maioria das vezes, não corresponde a idade fisiológica.(...) Apesar de a pessoa idosa ter estatisticamente mais doenças e cicatrizes de doenças anteriores do que as pessoas mais jovens, velhice não é doença. Na verdade, a velhice com suas características biológicas específicas, é um momento da vida como os outros, que pode ou não ter uma ou mais doenças associadas, mas isto não é necessário." (Angulo, 1979 apud Haddad, 1986, p.28)

Dr. Jarbas José Ávila, da Sociedade Brasileira de

Geriatría e Gerontología considera a definição cronológica - 65 anos - muito simplista e afirma que:

" O velho sadio não é psicológica nem fisiologicamente velho. O que caracteriza a velhice não é a quantidade de anos vividos. Nem é o estado das artérias, como dizia Metchnikof. Nem é anormalidade endócrina, como queria Pende. O que caracteriza a velhice é a perda dos ideais da juventude, é a dessintonização com a mentalidade do seu tempo, é o desinteresse pelo cotidiano nacional e internacional, é o humor irritadico, é a desconfiança no futuro, o desamor ao trabalho. (Ávila, 1978 apud Haddad, 1986, p.27)

Por fim, Frank Goldman e Demariase Goldman, em sua obra sobre o processo de envelhecimento, fazem a seguinte afirmação:

" O conceito gerontológico aplicado neste trabalho é o entendido como processo de envelhecer que começa ao nascer - do berço ao túmulo - mesmo porque não há indicações específicas do processo de envelhecimento. Variam em cada órgão, parte e sistema do corpo nos indivíduos e de um indivíduo para outro e com diferentes índices." (Goldman, F. e Goldman, D., 1977, p.8)

A partir dessas colocações verificamos que não existe um consenso a respeito do tema. Entretanto, vale a pena discutirmos as diversas ideologias presentes nas definições mencionadas.

O conceito de velhice encontrado na Enciclopédia Delta Larousse, caracteriza-se pela enumeração das perdas de ordem física, a que as pessoas de idade avançada encontram-se sujeitas. Tem o mérito de considerar a possibilidade de algumas dessas perdas surgirem no decorrer do ciclo vital, o que contribui para uma visão da velhice como um processo, que nos acompanha ao longo da vida. Contudo, peca por levar em conta apenas aspectos negativos, transformando o envelhecimento em uma espécie de tortura promovida pela natureza.

Oswaldo Fustioni (da Academia Nacional de Medicina de Argentina, 1982) também chama a atenção para o fato das mudanças características da Terceira Idade começarem a se manifestar antes dos 60 anos de vida. Entretanto, refere-se a velhice como a época da regressão, reforçando uma imagem negativa da mesma, na medida em que associa as possíveis mudanças acarretadas pela idade à um retrocesso. Além disso, ele vincula maturidade apenas à idade adulta, como se não houvesse continuidade entre essa fase e a Terceira Idade, fase que a sucede. Entendemos a maturidade como um processo de crescimento, inerente ao desenvolvimento humano, que ocorre a partir da relação do homem com o meio em que está inserido, ou seja, a partir da experiência. Partindo desse pressuposto, o tempo de vida, em nossa concepção, favorece a maturidade, embora não seja o único fator responsável por ela. Erik Erikson(1976), por exemplo, ao estudar o desenvolvimento do ego, dividiu o ciclo vital em oito etapas, cabendo a cada uma a resolução de um conflito básico. Ele denominou de maturidade a última etapa da vida, considerando que nesse momento atinge-se a integridade do ego.

A contribuição maior do presidente da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (1979) , Marcos Smith Angulo consiste na sua ênfase da diferença entre velhice e doença, que muitas vezes são erroneamente associadas. Um dos objetivos deste trabalho é justamente marcar essa distinção entre os dois fenômenos, a partir do discurso do próprio idoso.

Por outro lado, de acordo com a definição proposta pelo Dr. Jarbas José Avila, a velhice se caracteriza por um sério estado depressivo. Recapitulando:

"...O que caracteriza a velhice é a perda dos ideais da juventude, é a dessintonização com a mentalidade do seu tempo, é o desinteresse pelo cotidiano nacional e internacional, é o humor irritado, é a desconfiança no futuro, o desamor ao trabalho."

De acordo com suas palavras, o velho sadio não é psicológica nem fisiologicamente velho.

A leitura que fazemos acerca de suas colocações é que o velho sadio não é velho. Tal adjetivo não lhe cabe, pois velhice significa depressão. Na verdade essa postura reforça um estereótipo do idoso que pretendemos combater.

Neste estudo utilizamos a definição de Frank Goldman e Demarisse Goldman que entendem o envelhecimento como um processo que vai do berço ao túmulo.

Adotamos essa definição por se adequar melhor a perspectiva desenvolvimentista com que nos propusemos a estudar a velhice. Em nossa concepção, a representação que cada um tem da velhice é única, sendo construída ao longo do ciclo vital, no decorrer do processo de envelhecimento. Outro aspecto importante levantado pelos referidos autores diz respeito às diferenças individuais, que abordaremos ao longo deste trabalho.

Contudo, a falta de objetividade da definição originou um problema: operacionalmente falando, quem é o sujeito idoso que vamos entrevistar? O envelhecimento é um processo que tem início

com a fecundação mas, estamos interessados em um determinado momento do ciclo vital. Aquele momento em que socialmente as pessoas começam a sentir o estigma(*) da idade e passam a ser classificadas de idosas pelo meio em que estão inseridas.

Logo, em função da necessidade de delimitarmos o grupo com que iríamos trabalhar, optamos por considerar o critério cronológico dos 65 anos, como idade mínima, na seleção dos sujeitos.

Partimos do princípio de ser esse um critério de grande apelo social na medida em que, conforme verificamos nas citações acima, é utilizado pela Organização Mundial de Saúde, por vários sistemas de aposentadoria, pelos estatísticos que documentam a geriatria, além de servir de parâmetro mínimo de aceitação em muitas instituições de amparo a velhice, e ser a idade que permite alguns benefícios socialmente reconhecidos como o passe livre nos ônibus e metrô, e atendimento diferenciado na rede bancária.

Utilizaremos o termo **velhice** para designar essa etapa do processo de envelhecimento que, do ponto de vista social, tem início aos 65 anos.

(*)" Em todos esses exemplos de estigma(...), encontram-se as mesmas características sociológicas: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação cotidiana possui um traço que pode se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus." (Goffman, 1982, p.14)

Adiante veremos que as pressões sociais influenciam de forma significativa o processo de envelhecimento.

Estaremos nos referindo aos sujeitos dessa pesquisa sempre através do termo idoso. Escolhemos o termo idoso após pesquisarmos as definições dos termos "velho" e "idoso" em dois dicionários da Língua Portuguesa. Abaixo transcrevemos os verbetes encontrados.

" Idoso , adj. que tem bastante idade: velho.

velho , adj. Muito idoso; antigo; com muito tempo de existência."

(Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, 1961, p.648 e p.1225)

" idoso , adj. - Diz-se do que tem idade avançada: que tem mais de meia-idade.

velho , adj. - idoso, antigo, que não é novo: o que já está em desuso; costume ou coisa obsoleta."

(Dicionário Mor da Língua Portuguesa, 1967, v.3, p.1211 e v.4, p.2199)

Verificamos que o termo velho encontra-se associado a significados que não gostaríamos que fossem associados aos sujeitos dessa pesquisa, como: antigo, em desuso e obsoleto.

Ao tratar desse tema em sua obra , Brink (1983, p.8) declarou:

" O idoso. Este livro prefere este termo para denotar um indivíduo velho. Agradeço a um colega, o médico Fritz Schmerl, que defendeu o uso deste termo, como sendo menos conotativo das imagens negativas da velhice."

Assim , preferimos utilizar "idoso" para designar a

pessoa que tem idade avançada; no caso deste estudo, aqueles que tiverem pelo menos 65 anos.

2.2 A TEORIA DA PERSONALIDADE DE ALLPORT

Para que possamos atingir o objetivo deste estudo de verificar a influência das características de personalidade no processo de envelhecimento, torna-se necessário especificar que adotaremos o conceito de personalidade de Allport, de acordo com sua perspectiva desenvolvimentista.

A escolha desse autor deve-se ao consagrado valor de seu estudo sobre a personalidade. Sabe-se que ele pesquisou os significados das palavras "persona" e "personalidade", construindo a partir deles a sua própria definição para o termo. Além disso, sua perspectiva desenvolvimentista adequa-se perfeitamente a abordagem deste trabalho que busca compreender as transformações do ser humano no percurso de seu ciclo vital. E, finalmente, ele apresenta seis características da personalidade madura, que transformamos em categorias de análise de conteúdo, constituindo importante contribuição para nosso objetivo final de correlacionar personalidade e envelhecimento.

Para Allport: "A PERSONALIDADE É A ORGANIZAÇÃO DINÂMICA, NO INDIVÍDUO, DOS SISTEMAS PSICOFÍSICOS QUE DETERMINAM SEU COMPORTAMENTO E SEU PENSAMENTO CARACTERÍSTICOS".

Ele esclarece da seguinte forma os conceitos contidos nessa definição:

"Organização Dinâmica. O problema central da Psicologia é a organização mental (a formação de padrões ou hierarquias de

idéias e hábitos que dirigem, dinamicamente, a atividade). A integração e outros processos de organização são necessários para explicar o desenvolvimento e a estrutura da personalidade. Por isso, "organização" deve aparecer na definição. O termo supõe também o processo recíproco de "desorganização", sobretudo nas personalidades anormais, marcadas por progressiva desintegração.

Psicofísico_ Este termo lembra que a personalidade não é exclusivamente mental, nem exclusivamente neural (física). Sua organização supõe o funcionamento, em unidade inseparável, de "mente" e "corpo".

Sistema_ Um sistema (qualquer sistema) é um conjunto de elementos em integração mútua. Um hábito é um sistema, e o mesmo ocorre com um sentimento, um traço, um conceito, um estilo de comportamento. Tais sistemas estão latentes no organismo, mesmo quando não ativos. Os sistemas são nossos "potenciais para atividade".

Determinam_ A personalidade é e faz algo. Os sistemas psicofísicos latentes, quando chamados à ação, motivam ou dirigem atividades e pensamentos específicos. Todos os sistemas incluídos na personalidade devem ser vistos como **tendências determinantes**. Exercem uma influência diretiva em todos os atos expressivos e de ajustamento, através dos quais a personalidade se torna conhecida.

Característicos_ Todos os comportamentos e pensamentos são característicos da pessoa e, são exclusivamente da pessoa. Mesmo os atos e conceitos que, aparentemente, "compartilhamos" com os outros são, basicamente, individuais. É verdade que alguns atos e conceitos são mais idiossincráticos do que outros, mas não se encontra um só que não tenha um colorido pessoal. Portanto de certo modo, é redundância empregar o termo característicos em nossa definição. No entanto, a redundância não é, necessariamente, má; auxilia a frisar um determinado aspecto.

Comportamento e pensamento_ Esses dois termos pretendem abranger tudo que um indivíduo pode fazer. Fundamentalmente, o que o indivíduo faz é ajustar-se a seu ambiente. Mas não seria correto definir a personalidade apenas através de ajustamento. Não apenas nos ajustamos ao nosso ambiente, mas também refletimos a respeito dele. Além disso, procuramos dominá-lo, e, às vezes, conseguimos fazê-lo. Portanto, o comportamento e o pensamento permitem a sobrevivência e o crescimento. São formas de ajustamento e superação, provocadas pela situação ambiental em que estamos colocados, sempre seleccionadas e dirigidas pelos sistemas psicofísicos incluídos em nossa personalidade." (Allport, G.W. Personalidade - Padrões e Desenvolvimento, 1966, p.50-51).

Segundo Allport, a natureza do crescimento é o problema crítico da psicologia da personalidade, que deveria esclarecer como o organismo biológico do momento do nascimento chega a se transformar em uma pessoa adulta, capaz de assumir seus papéis sociais.

Fatores como: herança genética e os instintos; a maturação e a aprendizagem atuam no desenvolvimento da personalidade, mas os dados observados levam a crer que o peso desses fatores varia de caso para caso.

"O mesmo fogo que derrete a manteiga endurece o ovo"
(Allport, G.W., 1961, p.118)

Entretanto, apesar das variações de caso para caso, existe uma lei sem exceções: "toda personalidade se desenvolve em forma contínua desde o estágio da infância até a morte e durante todo esse tempo, ainda que ela se transforme, persiste. Cada novo estágio do desenvolvimento surge, por caminhos muito complexos, dos estágios previamente existentes."
(Allport, G.W. Psicologia de la Personalidad, 1961, p.118)

Na controvérsia entre as teorias que atribuem a formação da personalidade às leis da herança genética e teorias conductistas que apostam nas influências do ambiente como determinantes desse processo, Allport fica com uma terceira proposta que concilia aspectos das duas anteriores. De acordo com ele a personalidade não é produto apenas da herança genética. Embora nenhuma característica da personalidade esteja livre de

influências hereditárias, recebe também as influências do ambiente.

"Este ponto de vista poderia ser expressado em forma de equação: $\text{personalidade} = f(\text{herança}) \times (\text{ambiente})$. Sendo que os dois fatores causais não se somam, mas estão interrelacionados como multiplicador e multiplicando. Se um dos dois fosse igual a zero não se poderia formar a personalidade." (Allport, G.W. Psicologia De La Personalidad, 1961, p.122)

Para abordar a questão do desenvolvimento da personalidade, Allport optou por descrever os diversos aspectos do crescimento que possibilitam a transformação do homem no decorrer de seu ciclo vital.

São esses os aspectos seleccionados por ele :
 Diferenciação ; Integração ; Maturação ; Aprendizagem ;
 Autoconsciência ; Sugestão ; Autoestima ; Inferioridade e
 compensação ; "Mecanismos psicanalíticos" ; Autonomia funcional e
 Reorientação súbita ou trauma.

Abaixo descrevemos o essencial para a compreensão desses aspectos, que consideramos enriquecedores para o entendimento da gênese das diferenças inter-pessoais.

Diferenciação: No início da vida da criança, grande parte de seu comportamento é desordenado e sua ação é global, ou seja, seu corpo responde como um todo indiferenciado. Com o tempo, através do processo de diferenciação, os limites entre os

sistemas funcionais vão se tornando mais firmes, trazendo como consequência a capacidade de respostas adaptativas mais precisas e habilidades específicas. O limite entre a criança e o mundo também vai se estabelecendo e se fortificando gradativamente até que após os dois primeiros anos de vida, sua autoconsciência começa a se fazer notar.

Integração: Diz respeito ao fato da personalidade ser mais do que a soma dos elementos que a constituem, pois os mesmos perdem sua independência funcional e passam a fazer sentido como uma totalidade com funcionalidade própria. "Do múltiplo, emerge o uno..." (Allport, G.W. Psicologia de la personalidad, 1961, p.155)

Maturação: É o processo responsável pelas modificações do organismo que são inatas, ou seja, independem da aprendizagem e da experiência. Essas modificações obedecem o padrão de hereditariedade de cada espécie (sendo portanto comuns a todos os elementos de uma mesma espécie). A importância da maturação está na sua relação com o processo de aprendizagem. Uma criança só aprenderá a andar quando o seu aparelho de locomoção estiver desenvolvido o suficiente, ou seja, antes disso não será possível que ela ande ainda que o meio ambiente lhe forneça uma série de estímulos para tanto. A maturação contribui para o desenvolvimento da personalidade revelando todas as características que são hereditárias.

Aprendizagem: é responsável pela aquisição de novos comportamentos e pensamentos, bem como pela modificação de pensamentos e comportamentos já adquiridos no curso do crescimento. Assim, todo tipo de aprendizagem seria ao mesmo tempo um modo de construir ou de modificar os traços de personalidade.

Autoconsciência: Corresponde ao surgimento de uma concepção bem definida de si mesmo, como um ser diferenciado do meio ambiente, permitindo a formação de um núcleo subjetivo para o desenvolvimento da personalidade. Esse processo dura os três ou quatro primeiros anos de vida.

Sugestão: É a adoção de crenças e padrões de comportamento sem que estes sejam submetidos a um juízo crítico pelo indivíduo em questão.

Autoestima: Corresponde a um forte elemento de busca da própria satisfação e validade. É inerente ao próprio ser humano o movimento de procurar manter o auto-respeito e a autoestima no nível mais alto possível. O nível de aspiração se ajusta no sentido de servir a esse propósito. Quando surge alguma ameaça a esse nível desejável de autoestima, o indivíduo lança mão de recursos indiretos como: ocultar suas verdadeiras emoções; adotar um aspecto falso e evitar a exposição de sua debilidade. Com isso obtém alívio para seu conflito, adiando o confronto com o

problema. Nesse processo de auto-engano são frequentes as racionalizações com as quais justifica os seus atos, de acordo com suas crenças e valores.

Contudo, quando os fracassos se repetem e são sérios pode surgir uma sensação de deficiência que se torna o foco da atenção e preocupação do indivíduo. Este sente medo e insegurança frente a essas situações que ameaçam revelar sua ineficácia a si mesmo e aos outros. A essa sensação chamamos de sentimento de inferioridade. Existem algumas formas de compensações para aliviar as tensões geradas pelo sentimento de inferioridade: O sujeito pode decidir enfrentar diretamente a fonte de seu sentimento de inferioridade e não só vencê-la como superá-la, como no caso de um rapaz muito magro que se empenhe em um trabalho intenso de musculação e acabe se tornando muito musculoso. Ou pode substituir sua deficiência por outra qualidade compensatória, como no caso da menina que é feia, mas extremamente simpática, e ainda, aproveitando esse mesmo exemplo, pode desvalorizar a sua deficiência através de racionalizações como: "Beleza não põe mesa".

"Mecanismos Psicanalíticos": Allport faz diversas críticas aos conceitos psicanalíticos, mesmo porque a maioria deles surgiram do estudo de personalidades desequilibradas (ansiosas), sendo portanto inadequados para explicar o curso normal do desenvolvimento. Contudo, alguns conceitos são

aplicáveis a personalidade normal, e por isso foram selecionados para fazer parte deste estudo.

O princípio do prazer diz respeito ao fato de que a gratificação imediata é o objetivo dos impulsos que não são controlados por um eu maduro e organizado, sendo que o mesmo não leva em conta as consequências futuras. O princípio do prazer se manifesta claramente no comportamento das crianças pequenas.

O princípio de realidade é um conceito complementar, que representa o controle que o eu adquire sobre o princípio do prazer no processo de adaptação ao meio físico, social e moral. De acordo com Allport o princípio de realidade é simplesmente uma designação sintética do complexo processo de amadurecimento da personalidade, de sua adequação a um ambiente socializado e civilizado.

A identificação ocorre quando uma pessoa desenvolve um vínculo emocional com outra pessoa de tal forma que ela passa a se comportar como se fosse a outra pessoa. As características da outra pessoa são reproduzidas pela primeira através de imitação consciente ou inconsciente por parte da mesma. A aprendizagem por imitação parece coincidir com esse fenômeno. Para Allport, o fator principal no desenvolvimento de qualquer personalidade é a influência de outras personalidades. De modo geral os pais são os que exercem uma influência mais intensa, pela importância que têm nos primeiros anos da criança e pelo convívio intenso que mantém. Se a criança não tem pais então esse forte vínculo se forma com

a(s) pessoa(s) mais próxima(s) que esteja(m) exercendo esse papel.

Assim, uma criança nunca é indiferente a seus pais: a atitude dela frente a eles pode ser positiva ou negativa, mas de qualquer modo a imagem dos pais vai afetá-la enormemente. Com isso queremos dizer que existe uma grande probabilidade da criança vir a imitar as normas, gostos e características de seus pais. Pode ainda acontecer uma imitação negativa que significa um protesto, uma negação total dos valores e costumes dos pais. De qualquer forma, manifesta-se a potência da imagem dos mesmos. Seguindo esse princípio, podemos afirmar que a imagem dos pais desempenha um papel muito importante nas atitudes frente ao sexo oposto, como por exemplo na escolha do(a) parceiro(a).

Sobre a concepção psicanalítica de psicosexualidade, Allport critica a psicanálise no sentido de que ela tende a exagerar o papel da motivação e do interesse sexual no ser humano. Sendo que isso parece ocorrer a partir do ilógico procedimento de generalizar para todas as pessoas, fenômenos observados em casos particulares, como por exemplo o dogma de que todos os indivíduos sentem normalmente atração erótica pelo pai do sexo oposto.

"As ramificações do interesse sexual são suficientemente vastas e profundas em toda vida para que seja necessário exagerar sua importância fazendo da história sexual de certos neuróticos um protótipo da personalidade em geral. ...Nunca a sexualidade parece desempenhar o mesmo papel em duas personalidades. Suas

atrações, sua significação e a conduta associada a ela estão entre os fenômenos mais individuais de toda a vida mental." (Allport, G.W. Psicologia de la Personalidad, 1961, p.205.)

Concluindo, Allport afirma que as motivações, logo também o sexo, são sempre formações de mentes-em-particular e só podem ser compreendidas se for conhecido o curso de suas transformações individuais.

Autonomia funcional das motivações: Segundo Allport as motivações adultas são variadas e contemporaneas, ou seja, embora surjam de sistemas de motivação antecedentes, são funcionalmente independentes dos mesmos. Ele não aceita a hipótese de que as energias da personalidade adulta sejam de natureza infantil, e sim que os propósitos dos primeiros anos de vida conduzem aos propósitos posteriores, sendo então abandonados em favor destes.

A transformação das motivações é inerente ao processo de desenvolvimento da personalidade e pode ocorrer de forma gradual ou súbita. A reorientação súbita das motivações ou trauma ocorre quando no decorrer do processo adaptativo, um estímulo emocional excepcionalmente intenso gera uma crise. Essa crise leva a mudanças rápidas na personalidade. São estabelecidos novos valores e interesses que substituem os valores e interesses anteriores, tornando-se funcionalmente autônomos. Esses novos sistemas motivacionais orientam o desenvolvimento da personalidade até que, por sua vez, esta se transformem súbita ou gradualmente e assim por diante.

Allport ressaltava que o que leva um estímulo a ser muito intenso para um indivíduo em particular é a sua suscetibilidade presente no momento. Essa suscetibilidade é resultante do seu próprio temperamento e de suas experiências anteriores significativas.

Vistos esses aspectos do crescimento, agentes de transformação do homem no decorrer de sua vida, Allport chama a atenção para a singularidade do processo de desenvolvimento, afirmando que há tantas formas de desenvolvimento como de indivíduos em crescimento.

Os estudos de Allport conduziram-no a questão da maturidade. Ele queria saber como seria a personalidade dita madura. Para tanto, realizou uma grande revisão da literatura a esse respeito. O material obtido somado às suas observações, levaram-no a elaborar o seu próprio conceito de personalidade madura.

Ele passou a considerar plenamente desenvolvida ou madura, a personalidade que apresentasse as seguintes características:

- **Ampliação do Sentido de Eu** - corresponde ao estabelecimento de objetivos com fins sociais e/ou culturais em uma atitude oposta ao egocentrismo. Com o amadurecimento afetivo surge a preocupação com o bem estar e interesses do outro. As

experiências amorosas, o estudo, o trabalho, novas distrações, a família, as vocações, as questões religiosas e políticas, tudo isso passa a fazer parte do sentido do eu. Aquilo que amamos passa a fazer parte de nós mesmos. Configura-se um ideal de eu que se expressa através de um plano de vida com objetivos futuros a serem atingidos, através da participação da pessoa em algumas esferas significativas da vida humana.

- A Auto-Objetivação: Compreensão e Humor - A auto-objetivação diz respeito a capacidade de se perceber com uma certa objetividade em contraponto com o processo de auto-engano. A compreensão ou auto-compreensão é o conhecimento de si mesmo propriamente dito. Não é fácil discriminar se um indivíduo tem ou não auto-compreensão. Sabe-se, entretanto, que existem alguns aspectos ligados a auto-compreensão. As pessoas com auto-compreensão costumam estar cientes de suas qualidades indesejáveis e têm muito menor tendência de atribuí-las aos outros; têm mais habilidade em julgar os outros e costumam ser mais aceitas pelas pessoas; além disso existem provas de que são, em média, relativamente mais inteligentes.

Estudos apontaram uma alta correlação entre auto-compreensão e humor. O senso de humor aqui referido diz respeito a capacidade de perceber em algumas situações e em si próprio as incoerências, os absurdos, a distância entre o ideal e a realidade.

- A Filosofia Unificadora da Vida - É o fator integrador da capacidade de entregar-se em vigorosa participação que caracteriza a ampliação do sentido de eu e a capacidade contemplativa, as vezes bem humorada do fenômeno da auto-objetivação. Esse fator integrador consiste em uma teoria ou sistema de valores que direciona a vida, ao mesmo tempo em que dá sentido e unidade a ela. Existem alguns sistemas de valores padronizados e conhecidos que têm servido de filosofias unificadoras observadas em biografias famosas, como o cristianismo, o comunismo e o pacifismo.

- A capacidade de manter relacionamentos calorosos com os outros, sejam eles íntimos ou não.

- Uma profunda segurança emocional aliada a aceitação do eu e maior tolerância a frustração.

- Uma disposição de perceber, pensar e agir com entusiasmo de acordo com a realidade externa.

Em decorrência dessas conjeturas, emergiu uma questão: De que forma se relacionam os fatores idade e maturidade? Todos aqueles que ingressam na chamada terceira idade apresentam uma personalidade madura?

Podemos afirmar que as características acima podem ser encontradas tanto em pessoas jovens como em pessoas idosas. Em outras palavras, ainda que o tempo de vida seja uma variável

importante no desenvolvimento da personalidade, por si só, não necessariamente leva à maturidade. Com isso queremos dizer que a quantidade e a qualidade das experiências vividas por uma pessoa influenciam na sua maturidade. Nesse sentido, uma idade mais avançada pode representar um universo mais rico de vivências, embora devamos estar atentos para o fato de que nem sempre isso ocorra. Assim, assinalamos que algumas pessoas mais jovens podem apresentar um universo de vivências mais rico do que outras com mais tempo de vida.

Allport ao diferenciar o processo de envelhecimento do processo de "amadurecimento" da personalidade, chama a atenção para o fato do envelhecimento merecer um estudo específico no campo da teoria da personalidade. Ele faz a seguinte declaração sobre o tema:

" No entanto, parece superficial discutir o envelhecimento apenas através de competência média, atitudes médias e problemas médios. Depois de desenvolver, durante toda a vida, uma personalidade singular, nenhuma pessoa idosa pode ser considerada como ajustada apenas a um tipo médio. A singularidade persiste até o túmulo.*A lição mais importante que aprendemos com os numerosos estudos psicológicos sobre o envelhecimento é que as pessoas idosas não se tornam, depois da aposentadoria, muito diferentes do que eram antes." (Allport, G. W. Personalidade, Padrões e Desenvolvimento, 1966, p.384)

Para Allport, da infância ao fim da vida, a psicologia deveria estimular o desenvolvimento das potencialidades humanas nas seis direções que caracterizam o amadurecimento da

* Grifo nosso

personalidade. Recapitulando: (1) Ampliação do sentido do Eu; (2) a Auto-Objetivação: compreensão e humor; (3) Uma filosofia unificadora da vida; (4) a capacidade de manter relacionamentos calorosos com os outros, sejam eles íntimos ou não; (5) uma profunda segurança emocional aliada a aceitação do eu e maior tolerância a frustração; (6) uma disposição de perceber, pensar e agir com entusiasmo de acordo com a realidade externa.

Com relação às pessoas idosas, Allport coloca ainda que elas são privadas socialmente de oportunidades de continuar seu processo de crescimento pessoal, como se o projeto de uma vida se encerrasse no ato da aposentadoria. Ele acredita que com essa atitude a sociedade perde muito de sabedoria que poderia adquirir através de uma maior participação dessa fatia da população.

Entretanto, vale lembrar que seguindo a lógica do próprio Allport, as reações dos idosos aos preconceitos e pressões sociais podem ser tão diferentes umas das outras quanto as diferentes personalidades que possam ter se formado. Assim, voltamos a falar de singularidade.

Com essa observação, queremos destacar que apesar das dificuldades encontradas, muitas pessoas idosas são vivazes e participantes até o fim de suas vidas.

Acreditamos que exista uma correlação entre esse tipo de atitude e o conceito de maturidade proposto por Allport. Em

outras palavras: aquelas pessoas que apresentam um crescimento pessoal de acordo com os seis critérios anteriormente enumerados, tendem a ter uma existência mais gratificante. Aqui o conceito de gratificante é subjetivo, queremos dizer que tais pessoas em seus relatos, valorizam positivamente sua existência.

É essa correlação que vamos buscar quando estivermos procedendo a análise dos discursos dos sujeitos entrevistados. Para tentarmos entender a possível influência das características de personalidade no processo de envelhecimento, vamos utilizar como parâmetro os seis critérios propostos por Allport, à luz da história de cada um.

Torna-se importante ressaltar que a imagem de personalidade madura que Allport nos oferece corresponde a uma visão idealizada, que ganha sentido enquanto um exercício teórico mas, na verdade, o que esperamos encontrar de fato são aproximações desse ideal que nos foi apresentado.

2.3 OUTRAS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS

A idéia de estudarmos o envelhecimento, reconhecendo a importância das diferenças individuais nos velhos, encontra respaldo não só em Allport, como também em Thomae (1970, 1976) da Universidade de Bonn, com seu modelo cognitivo da personalidade adulta; em Atchley (1971, 1977) com o seu modelo social de envelhecimento, que ele denomina de Teoria da Continuidade; e na pesquisa experimental de Mishara e Baker (1980, 1977), Petrie (1967), Sales (1972) e Silverman (1968). Esses últimos trabalharam com as diferenças individuais de percepção do mundo, a partir do estudo experimental da modulação da intensidade do estímulo.

2.3.1 O MODELO COGNITIVO DA PERSONALIDADE ADULTA por H. THOMAE

Thomae é adepto da escola de psicologia cognitiva que acredita que os comportamentos são largamente determinados pela percepção que as pessoas têm do mundo. Ou seja, os indivíduos se comportam de um modo ou de outro em função de suas crenças, valores e expectativas.

Partindo dessa premissa, Thomae desenvolveu sua própria concepção de um modelo cognitivo da personalidade na tentativa de explicar a dinâmica da personalidade do idoso.

De acordo com ele, qualquer acontecimento que represente uma mudança no ambiente pode ser percebido positivamente ou negativamente, como por exemplo assumir o papel de avós ou

aposentar-se. É a motivação do sujeito, suas preocupações e suas expectativas do momento que vão determinar sua percepção: sendo que é a percepção do acontecimento mais do que o acontecimento em si, a responsável pelo comportamento, manifesto ou não, que o sujeito adotará.

As variáveis que, segundo Thomae, determinam a percepção (motivação, preocupações e expectativas) estão relacionadas às particularidades de cada um e constituem aquilo que nós chamamos de diferenças individuais. As diferenças individuais são responsáveis pela grande variabilidade de comportamentos entre as pessoas. No caso do presente estudo, estamos interessados, assim como Thomae, em ressaltar as diferenças individuais entre as pessoas idosas, a partir dos diversos comportamentos que observamos em relação as mudanças decorrentes do envelhecimento.

As teorias cognitivas enfatizam a influência do meio na formação da personalidade e, por sua vez, Thomae responsabiliza a sociedade pela visão negativa e estereotipada da velhice, que muitas vezes serve de barreira para o bem-estar do idoso. Essa barreira surge a partir da seguinte dinâmica: O idoso por estar inserido em um meio social preconceituoso acaba incorporando à sua auto-imagem essa visão depreciativa da velhice. Então, sua motivação (interesses e necessidades) e expectativas, variáveis importantes na determinação dos comportamentos, são fortemente abaladas com o prejuízo da auto-imagem, dificultando uma vivência tranquila e prazerosa da idade avançada.

" Por conseguinte, una de las principales barreras entre la vejez y un estado de bienestar, lo constituye la evaluación negativa de la ancianidad hecha por muchos miembros de las sociedades occidentales. Este pensamiento estereotipado disminuye la oportunidad de aceptar otros hallazgos importantes de la gerontología moderna, los cuales destacan el incremento de la variabilidad interindividual en relación con el funcionamiento y el ajuste en la vejez,.. " (Thomae, H. Personalidad y Envejecimiento. Revista Latinoamericana de Psicología, 1982, 14 n.3, p.326)

A importância da contribuição de Thomae para esse estudo está não só na relevância que ele dá às diferenças individuais na compreensão do envelhecimento, como também no fato de chamar a atenção para a influência do meio social.

Podemos a partir dessas idéias fazer umas conjeturas: As pessoas que apresentam maior amadurecimento de suas personalidades, de acordo com os critérios vistos no tópico anterior, conseguem reagir melhor aos preconceitos sociais, na medida em que são menos sugestionáveis (p.36). Consequentemente, têm a sua auto-imagem preservada o que favorece uma boa reação às transformações do meio-ambiente que venham a enfrentar.

2.3.2 A TEORIA DA CONTINUIDADE DE ROBERT C. ATCHLEY

A teoria da continuidade de Atchley (1971, 1972) sustenta que o último estágio da vida é um prolongamento dos estágios anteriores. Embora as situações sociais se modifiquem, a adaptação e o modo de levar a vida são determinados pelos estilos, hábitos e gostos adquiridos ao longo do desenvolvimento de cada um .

Segundo ele, a melhor forma de se prever como uma pessoa irá reagir a um acontecimento é verificando a forma como vem se comportando no seu percurso vital. A reação a aposentadoria e adaptação à veihice serão determinadas pela sua história. É certo que as mudanças e pressões que atingem o indivíduo provocam o surgimento de novas condutas, mas, estas seguem uma direção que se faz notar em seu passado.

" Todos aqueles que sempre preferiram a pescaria ao trabalho se alegrarão, uma vez aposentados, de usar todo o seu tempo para pescar, enquanto aqueles que deixaram a pescaria para mais tarde, se cansarão rapidamente desse passatempo ou, paradoxalmente, não encontrarão nem tempo, nem energia, nem dinheiro para dedicar-se a pesca, sempre queixando-se de não ter nada para fazer."* (Atchley, 1972 apud Mishara et Riedel, Le Vieillessement, 1985, p.57)

Atchley escreveu alguns artigos sobre as diferentes reações à aposentadoria e o engajamento dos idosos em atividades de lazer. Nesses artigos ele apresentou as características de personalidade como sendo variáveis importantes no entendimento dessas diferenças de atitudes entre os idosos. Ele chama a atenção para o fato de, por exemplo, algumas pessoas terem suas vidas completamente orientadas para o trabalho, o que faz com que elas sofram uma grande crise de identidade, no momento da aposentadoria. Essa supervalorização do trabalho é em grande

* " Ainsi ceux qui ont toujours préféré la pêche au travail se réjouissent, une fois à la retraite, d'avoir tout loisir d'aller taquiner le goujon, tandis que ceux qui ont toujours remis les excursions de pêche à plus tard se fatigueront vite de ce passe-temps ou, paradoxalement, ne trouveront ni le temps ni l'énergie ni l'argent pour s'y livrer, tout en se plaignant de n'avoir rien à faire"

parte resultado do processo de socialização a que somos submetidos.

Desde pequenos somos pressionados pelo meio no sentido de nos tornarmos adultos bem sucedidos no exercício de nossos papéis sociais. Se considerarmos uns cinquenta anos atrás veremos que cabia ao homem ser responsável e trabalhador para sustentar e dar conforto à família, situação essa que se mantém até os dias atuais. A entrada significativa das mulheres no mercado de trabalho foi mais recente e vem se acentuando cada vez mais. As pressões sofridas na juventude das mulheres que hoje têm mais de sessenta e cinco anos eram no sentido de que elas fossem boas esposas e mães dedicadas.

isso nos leva a pensar se não seria possível fazer um paralelo entre esses homens que viveram exclusivamente em função do trabalho e essas mulheres que viveram unicamente para seus maridos e filhos, no momento em que se encontram privados de seu "objeto de devoção". Será que essas mulheres ao verem seus filhos saírem de casa em busca da própria independência ou ao ficarem viúvas não passariam pela mesma crise de identidade que Atchley afirma algumas pessoas viverem no momento da aposentadoria?

Apesar da força do processo de socialização que aos poucos destrói a espontaneidade e a criatividade através das regras e convenções que nos são impostas, Atchley chama a atenção para o fato de que algumas pessoas conseguem romper com essas imposições e alcançam uma auto-confiança absoluta, bem como uma

auto-aceitação que lhes permite manter sua espontaneidade e atingir um bom nível de satisfação.

" Sem nunca ter ouvido sobre auto-atualização, muitas pessoas idosas encontraram paz interior e contentamento por conta própria. Elas desfrutam de um alto grau de auto-aceitação e satisfação. Elas aceitam mudanças drásticas em sua saúde e em suas circunstâncias sociais com uma notável tranquilidade. Elas aprenderam como não ansiar por coisas impossíveis. Quando nós examinamos as vidas dessas pessoas idosas, nós descobrimos que sua atual serenidade frequentemente tem raízes nas lutas dos dias da mocidade." (Grifo nosso)*

(Atchley, R. G., The leisure of the elderly, The Humanist, 1977, p.15-16)

Essa tão almejada satisfação, segundo Atchley, é um "estado de espírito" que tem que ser procurado dentro do indivíduo e não fora dele. Assim sendo, as instituições pouco podem fazer, nesse sentido, pelas pessoas idosas que aguardam ansiosas por uma solução externa para seus problemas relacionados ao envelhecimento.

Com isso, não temos a intenção de eximir a sociedade de suas responsabilidades em relação aos idosos mas, de chamar a atenção para a importância do investimento de cada um na busca de sua satisfação no decorrer da vida.

* " Without ever having heard of self-actualization, many older persons have found inner peace and contentment on their own. They enjoy a high degree of self-acceptance and fulfillment. They accept drastic changes in their health and in their social circumstances with remarkable equanimity. They have learned how not to long for what cannot be. When we examine the lives of these older people, we find that their current serenity often has its roots in the struggles of their younger days."

2.3.3 AS DIFERENÇAS INDIVIDUAIS NOS IDOSOS A PARTIR DO ESTUDO EXPERIMENTAL DA MODULAÇÃO DA INTENSIDADE DO ESTÍMULO (MIS)

Esse estudo partiu da constatação de que haviam muitos trabalhos sobre os traços comuns aos idosos e quase nada sobre suas diferenças individuais, tema esse que já havia sido explorado entre jovens adultos.

Os pesquisadores basearam-se na premissa de que existiam características individuais fundamentais no comportamento, no modo de vida e principalmente na maneira de perceber o mundo.

Realizaram então uma pesquisa sobre as diferenças individuais na modulação da intensidade do estímulo (MIS), nas pessoas idosas.

Os pesquisadores acreditavam que alguns sujeitos eram "redutores", ou seja, eles percebiam um estímulo externo como sendo relativamente menos intenso do que era na realidade. Em contrapartida, outros sujeitos eram "amplificadores" e, por sua vez aumentavam a intensidade do estímulo externo que recebiam.

Observaram então como os sujeitos reagiam frente à dor e ao sofrimento. Os resultados obtidos confirmaram a hipótese de que os "redutores" toleravam melhor a dor que os "amplificadores".

Assim, em situações que ofereçam uma estimulação externa pequena, espera-se que os "amplificadores" sejam bem sucedidos, já que eles percebem a estimulação externa maior do que é na realidade. Em contrapartida, os "redutores" toleram mal situações

de privação de estímulo na medida em que percebem a estimulação externa ainda menor do que se apresenta de fato. Estudos sobre privação sensorial demonstraram essas tendências (Petrie, Collins e Solomon, 1958 e Sales, 1971).

No dia a dia, os "reduzidos" necessitam de mais estimulação para compensar o estado de privação de estímulos em que, subjetivamente, se encontram.

Um outro trabalho realizado por Mishara e Baker, em 1981, com pessoas idosas verificou que, tanto entre as ativas como entre as que eram pensionistas de um asilo, as diferenças individuais da modulação da intensidade do estímulo estavam relacionadas de forma significativa ao engajamento social e à percepção de dificuldades.

Esses pesquisadores acreditam que a teoria da MIS possa ser útil à gerontologia pois ela evidencia as diferenças individuais nas reações, em um mesmo meio social.

Contudo, esses estudos não têm a pretensão de justificar todas as diferenças de comportamentos a partir da modulação da intensidade do estímulo. A teoria da MIS é apenas mais uma contribuição na que diz respeito às diferenças individuais.

2.4 DISCUSSÃO DA ABORDAGEM TEÓRICA

Finalmente, as teorias desenvolvidas, bem como os dados obtidos pelos pesquisadores que escolhemos para fundamentar nosso estudo, nos levam a fazer algumas conjeturas.

A nosso ver, a riqueza da teoria de Allport está na sua abrangência. Sua visão de personalidade como resultante da interação entre herança genética e ambiente ilustra bem essa afirmação. Ao trabalhar com essa interação, ele foge do determinismo daqueles que levam em conta apenas um desses fatores. Não podemos mais pensar no homem meramente como fruto de seu meio, ou como prisioneiro de sua herança genética e sim entendê-lo a partir dessa interação: sendo que o resultado desse processo será sempre original. Esse fenômeno está expresso no conceito de singularidade, segundo o qual há tantas formas de desenvolvimento quanto de indivíduos em crescimento.

A idéia "allportiana" de singularidade nos permitiu compreender o envelhecimento como um processo individual, único, do início ao fim da vida. Logo, cada velhice tem as suas particularidades que estão diretamente relacionadas a personalidade que se formou no decorrer do percurso vital.

Além disso, Allport discorre sobre o que chama de fatores de crescimento. Conseqüentemente, não só vislumbramos as variações inter-pessoais, como também torna-se possível entender como essas se constituem.

Ao ouvirmos os sujeitos entrevistados, verificamos que os fatores que influenciaram na constituição de suas personalidades, muitas vezes, apareciam claramente em seus discursos: por exemplo: através de marcantes figuras parentais, na aprendizagem de valores e costumes da comunidade, ou no relato de vivências traumáticas.

Outro momento importante da teoria de Allport corresponde às suas inferências acerca da personalidade madura.

Como já mencionamos anteriormente, acreditamos que exista uma correlação entre maturidade e a forma de viver a velhice, ou seja, os idosos que apresentam um crescimento pessoal maior, de acordo com os critérios de Allport, valorizam positivamente sua existência, em seus discursos. A fim de verificarmos a validade dessa idéia, transformamos as seis características de maturidade, por ele elaboradas, em categorias de análise de conteúdo, para correlacioná-las com outras categorias relativas a atitude frente à velhice.

Encontramos em Allport o respaldo teórico necessário para abordarmos a questão das diferenças individuais e o envelhecimento, porém nos pareceu que seria bastante enriquecedor se pudessemos contar com outras contribuições que corroborassem as idéias das quais partimos inicialmente, ou nos trouxessem alguns acréscimos sobre o tema.

Selecionamos então os estudos de Thomae, Atchley, e os dados obtidos experimentalmente por Mishara e Baker, Petrie, Sales e Silverman.

Thomae reforça a importância das diferenças individuais ao valorizar a percepção dos fatos mais do que os fatos em si, e atribuir a percepção a variáveis do próprio indivíduo como: motivação, preocupações e expectativas futuras. Com isso, ele quer dizer que um mesmo evento, em um ambiente comum, é percebido distintamente por diferentes pessoas, levando-as a diferentes comportamentos. Mais especificamente, cada indivíduo tem a sua percepção das situações relacionadas à velhice, e essa diferença de percepção faz com que tenham comportamentos diferentes, quando submetidos aos mesmos estímulos.

De fato, pudemos observar várias vezes pessoas idosas reagirem distintamente em situações de grande semelhança, como por exemplo: a rotina de vida em uma instituição particular de amparo a velhice; a vivência de doenças; o afastamento da família; ou até mesmo em casos de dificuldades financeiras. Enquanto uns se abatem, outros encontram soluções criativas.

Conforme enfatiza o modelo cognitivo de personalidade de Thomae, as crenças e valores, enfim, o que a pessoa pensa sobre o mundo que a cerca determina sua forma de agir. Por sua vez esses pensamentos se formam, entre outras coisas, a partir dos condicionamentos sociais a que somos submetidos. Logo, de acordo com ele não podemos deixar de considerar a grande influência que

sofremos da visão estereotipada e negativa da velhice que toma conta da sociedade atual.

Alguns idosos apresentam uma certa apatia em relação a sua existência devido a esse estereótipo da velhice que, uma vez assimilado, condena a auto-estima do indivíduo. O trabalho de Thomae serve de alerta para a necessidade de lutarmos contra esse preconceito que frequentemente se torna o grande inimigo da possibilidade de uma velhice feliz.

As colocações de Thomae sobre a influência dos valores sociais vêm sublinhar as idéias de Allport sobre a importância do meio-ambiente, como um dos fatores determinantes na formação da personalidade.

Já a teoria da continuidade de Robert Atchley resgata a abordagem desenvolvimentista do tema que estamos tratando, na medida em que a velhice é vista em função do percurso vital de cada um. De acordo com sua teoria, se analisarmos a história de uma pessoa encontraremos uma certa direção em sua forma de agir, de forma que a velhice passa a ser vista como um prolongamento das fases que a antecederam.

Temos verificado esse fenômeno em nossa prática clínica e institucional. Ao tomarmos conhecimento das histórias de vida de várias pessoas idosas, observamos que grande parte de suas características como: simpatia, saúde, capacidade de se relacionar socialmente, introversão, teimosia, rigidez, iniciativa ou acomodação não estavam relacionadas com a idade

avançada, pois apareciam em seus relatos de situações vividas na juventude e até mesmo na infância.

Abaixo reproduzimos dois desses relatos para ilustrar nossa afirmação:

" Eu sempre fui muito sério e fechado. Quando eu era criança, ficava horas brincando sozinho e adorava. Se aparecia alguém querendo brincar comigo, guardava todos os meus brinquedos para que não os estragassem. Esse meu lado cuidadoso eu nunca perdi. A máquina de escrever em que trabalho é histórica, mas olhe o estado dela... novinha em folha!" (72 anos)

" Os amigos são tudo. Graças a Deus tenho muitas amigas e costumamos sair juntas. Sempre gostei de barulho, casa cheia e sempre fui muito comunicativa. Quando pequena arrastava a criança lá para casa e deixava a minha mãe maluca. Mocinha, tive vários paqueras mas, eu não queria nada sério, só me divertir. Gasei e adorava receber as visitas. Minha casa era um ponto de encontro..." (74 anos)

É importante fazer uma ressalva : em alguns casos, eventos traumáticos como a perda repentina de um ente querido tornam-se espécies de marcos de mudanças significativas de comportamentos, como por exemplo relata uma senhora de 76 anos:

" Eu era uma criança muito alegre, brincalhona, mexia com todo mundo. Foi uma fase muito boa da minha vida. Ah, quando

eu estava para completar dezesseis anos perdi meu pai. Foi um choque muito grande e daí em diante nunca mais fui a mesma... eu sinto que eu me fechei. Foi uma moça muito séria e até hoje sou calada, quieta..."

Atchley aborda superficialmente essa possibilidade ao admitir que as mudanças e pressões que atingem as pessoas podem provocar o surgimento de novas condutas, mas ele insiste em afirmar que esses novos comportamentos, seguem uma direção que tem raízes no passado. Entretanto ele não faz considerações específicas sobre situações de traumas intensos, como fez Allport ao discorrer sobre a reorientação súbita das motivações (1961).

De acordo com a teoria da continuidade, é possível prevermos, aproximadamente, como uma pessoa irá reagir a um acontecimento se verificarmos a forma como vem se comportando ao longo de sua vida. Logo a forma de reagir a uma mudança, seja uma viuvez, a aposentadoria, ou uma limitação de ordem física, está relacionada com a história pessoal de cada um. Assim cada pessoa tem uma velhice em potencial, em função de sua história de vida.

Para Atchley as pressões que sofremos do meio, através de regras e convenções inerentes ao processo de socialização, favorecem as crises de identidade no momento em que perdemos nossos papéis sociais. Mas, apesar de todos sermos submetidos a esses condicionamentos, eles são vividos de forma distinta por cada um, sendo que alguns conseguem até manter a sua

espontaneidade, resistindo a essas pressões. Atchley atribui essas diferenças de atitude às variáveis de personalidade.

Entrevistamos uma senhora de 90 anos que relatou ter se formado e trabalhado como dentista quando era jovem, contrariando todas as expectativas de que se tornasse uma dona de casa como a maioria das mulheres de sua época. Ela casou-se, teve um filho e após alguns anos de casamento, ao constatar que não se sentia feliz naquela relação, separou-se, enfrentando o preconceito social contra as mulheres desquitadas. De fato, toda a sua história é marcada por sua determinação e vitalidade ao enfrentar os obstáculos que eventualmente lhe apareciam.

A teoria de Atchley reforçou a importância do processo de socialização na formação da personalidade e manteve a ênfase na singularidade, sinalizando as diferenças inter-pessoais na relação do homem com as pressões do meio ambiente. Além disso, abordou a velhice como um processo que tem início junto com a história de cada um, ou seja, no nascimento, e se constitui no decorrer da mesma, na medida em que ultrapassamos as diversas fases do ciclo vital.

Embora não tenhamos nos proposto a trabalhar nosso tema experimentalmente, achamos interessante e proveitoso conhecer e divulgar os dados obtidos experimentalmente por pesquisadores que se dedicaram a essa tarefa.

Ao tratarem das diferenças individuais de percepção de

estímulos e, portanto, de percepção do mundo, Mishara e Baker, Petrie, Sales e Silverman contribuíram para a compreensão da variabilidade de reações em um mesmo meio social.

Assim, a partir desses estudos podemos afirmar que pessoas idosas reagem diferentemente a situações semelhantes, entre outras coisas, devido a sua forma de perceber os estímulos ser "reduzora" ou "amplificadora", ou em outras palavras, devido a um fator constitucional.

Acreditamos, que da mesma forma, existam outros fatores constitucionais que juntos sejam em parte responsáveis por essa direção no modo de agir, que se mantém ao longo da vida, e que conforme já colocamos, tivemos a oportunidade de observar no contato com os sujeitos de nossa pesquisa. Os resultados obtidos experimentalmente pelos pesquisadores no que diz respeito a modulação da intensidade do estímulo, vêm corroborar a idéia de continuidade apresentada por Atchley.

Se levarmos em conta todos os aspectos relativos às variações inter-pessoais levantados pelos autores que percorremos ao longo desse capítulo, a saber: personalidade, nível de maturidade, aspectos cognitivos, contexto sócio-cultural, história de vida, forma de percepção dos estímulos (teoria da MIS), tornam-se insatisfatórias, no sentido de serem insuficientes, as difundidas generalizações sobre a velhice.

Acreditamos que talvez o mérito maior deste trabalho

seja o de tentar despertar o leitor para o fato do envelhecimento ser uma experiência subjetiva e única, dando fim a uma certa atitude fatalista que envolve a velhice.

Para alcançar esse objetivo, resolvemos buscar no discurso do idoso a sua vivência. No contato com eles, encontramos a possibilidade de verificar a influência das diferenças individuais na velhice de cada um.

III- METODOLOGIA

Nossa pesquisa consistiu em um estudo de campo exploratório ex post facto.

De acordo com Kerlinger :

" A pesquisa ex post facto é uma investigação empírica sistemática em que o cientista não tem o controle direto das variáveis independentes porque suas manifestações já ocorreram ou porque elas são inerentemente não manipuláveis. São feitas inferências sobre as relações entre as variáveis, sem que haja uma intervenção direta, a partir da variação concomitante das variáveis independentes e dependentes." *

Escolhemos esse caminho por estarmos trabalhando sobre um tema ainda pouco explorado, sendo que nossa investigação envolvia variáveis independentes que não poderíamos manipular. Além disso, não haviam hipóteses a serem testadas. Estávamos em um estágio da pesquisa em que pretendíamos descobrir as possíveis relações entre as variáveis, de forma que nos propusemos a observar o campo. Nossos interesses estavam voltados para os seguintes aspectos:

- Se as variáveis de personalidade influenciavam na determinação de uma atitude positiva ou negativa frente ao envelhecimento.

- Se existia uma continuidade dos valores, percepções e comportamentos nas diversas fases do ciclo vital.

* "Ex post facto research is systematic empirical inquiry in which the scientist does not have direct control of independent variables because their manifestations have already occurred or because they are inherently not manipulable. Inferences about relations among variables are made, without direct interventions, from concomitant variation of independent and dependent variables." (Kerlinger, 1973, p. 379)

- Se haviam diferenças ou semelhanças significativas entre homens e mulheres nas situações descritas acima.

Ainda de acordo com Kerlinger, os estudos de campo são investigações científicas ex post facto que buscam descobrir as relações e interações entre variáveis sociológicas, psicológicas e educacionais nas estruturas sociais reais. Eles podem ser exploratórios, quando o objetivo do pesquisador for descobrir que relações podem existir entre as variáveis do campo, a fim de fornecer subsídios para que em estudos posteriores sejam formuladas hipóteses a serem testadas.

" As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, com vistas na formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. (...). Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Esse tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis." (Gil, 1989, p.44-45)

De fato, o objetivo final desta pesquisa consiste em esclarecer e modificar os conceitos existentes em nossa sociedade acerca do envelhecimento, principalmente no que tange às generalizações de caráter pejorativo à terceira idade.

Partindo da premissa que uma das dificuldades da observação do campo consiste no excesso de variáveis existentes na situação, optamos por começar nosso estudo em uma instituição, de modo que os sujeitos observados se encontrassem sob uma série

de condições que lhes fossem comuns.

A escolha do local ocorreu em função da oportunidade que surgiu, através de uma proposta de trabalho em uma instituição particular de amparo a velhice, na zona sul do Rio de Janeiro.

Esse contato preliminar com o campo, através da observação participante em uma instituição, teve três finalidades básicas:

- Verificar se os idosos, submetidos a uma série de estímulos comuns - moradia, rotina de horários, alimentação, distanciamento dos familiares - apresentariam comportamentos semelhantes ou diferentes.

- Uma vez atingido o objetivo acima, investigar que variáveis estariam influenciando os comportamentos observados, e mais especificamente, se as variáveis da personalidade influenciavam na determinação desses comportamentos.

- A partir dessa primeira aproximação do objeto de nosso estudo, obter subsídios para estender nossa investigação ao idoso não institucionalizado.

A respeito dessa última colocação, é importante acrescentar que, se por um lado, observar os idosos que residiam na instituição, nos permitia um maior controle sobre as variáveis que atuavam no campo, por outro lado, nessa visão do envelhecimento ficava de certa forma restrita a uma circunstância

muito específica, que consistia exatamente no fato dos idosos serem institucionalizados.

De modo que tínhamos como meta, a partir dos conhecimentos adquiridos nessa primeira aproximação do campo, constituir o grupo final dessa pesquisa, que seria formado por idosos não institucionalizados.

A seguir descreveremos o procedimento dessa pesquisa nas suas duas etapas: a observação preliminar do campo em uma instituição particular de amparo à velhice e a pesquisa propriamente dita em que utilizamos o método "História de vida" com idosos não institucionalizados.

3.1 ETAPA PRELIMINAR DA PESQUISA: A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DO CAMPO (UMA EXPERIÊNCIA COM O IDOSO INSTITUCIONALIZADO)

Entendemos por observação participante, uma técnica de coleta de dados, ou ainda um método de investigação, como sugere Gil (1989, p.104), que se caracteriza pela participação real do observador no grupo.

"...Daí por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo." (Gil, 1989, p.108)

Considerando os dados obtidos, elaboramos uma síntese dos principais aspectos relacionados à realidade do grupo que observamos.

3.1.1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

Fomos contratados, em Janeiro de 1990, pelo "Lar dos Velhos" para dar apoio psicológico aos idosos no sentido de ajudá-los no processo de adaptação à vida na instituição. Além disso deveríamos atender a qualquer solicitação de ajuda psicológica que partisse deles.

O "Lar dos Velhos", como o próprio nome diz, se propõe a ser algo mais do que aquilo que conhecemos como asilo. É uma instituição paga, sem fins lucrativos, embora aceite algumas pessoas em condições especiais, nesse sentido, dependendo das necessidades do indivíduo e daqueles que vão ficar responsáveis por ele. As condições especiais são: isenção de pagamento ou desconto na mensalidade quando o indivíduo não tem condições financeiras para pagar a instituição e ninguém que possa assumir essa despesa por ele e/ou quando o indivíduo ou seus familiares são reconhecidos socialmente por suas contribuições à comunidade.

A instituição existe como uma alternativa de moradia para os idosos que necessitem ou desejem modificar a situação habitacional que vinham mantendo até então.

3.1.2 DESCRIÇÃO DO AMBIENTE E ROTINA DE FUNCIONAMENTO

No "Lar" cada idoso mora em uma suíte (quarto com banheiro privativo) relativamente padronizada. Ou seja, todas tem praticamente o mesmo tamanho e os mesmos móveis: duas camas,

uma poltrona, armário embutido, mesa de cabeceira e uma mesa com cadeira que possibilite o idoso ter onde fazer suas refeições em caso de necessidade. Alguns preferem levar seus próprios móveis, contudo houve casos em que sendo a mobília grande demais para as dimensões do quarto, a solução foi ficar com os da instituição. As diferenças de um apartamento para o outro ficam por conta de bens como geladeira, televisão, telefone e ar condicionado, além dos objetos decorativos. Esses variam de acordo com as posses e o gosto de cada um.

Em termos de locais de uso comum, a instituição conta ainda com um refectório, que possui mesas de quatro lugares, sendo que cada um tem seu lugar fixo, alterado somente mediante justificativa. Diariamente todos se encontram quatro vezes: café da manhã, às 8:00; almoço, às 11:30; lanche, às 15:30 e jantar, às 18:30h..

A sala de televisão vem a ser um outro ponto de encontro. É composta por algumas fileiras de poltronas com a televisão centralmente disposta, à frente.

Nessa sala existe um piano que há pelo menos um ano e meio está quebrado. Contudo é o maior sucesso quando uma das visitas se dispõe a tocá-lo, mesmo que precariamente.

A localização do "Lar dos Velhos" é privilegiada. A instituição situa-se na Zona Sul do Rio de Janeiro. A área ao redor da instituição passa a ser um significativo ponto de

encontro. São constantes os passeios sozinhos ou em pequenos grupos. O medo de cair é o grande inimigo dessa atividade. Na maioria das vezes, aqueles que se sentem fragilizados por histórias progressas de doenças ou os que já levaram tombos passam a não sair mais na rua, ou aceitam sair apenas acompanhados. Nesses casos, a instituição, embora não os proíba de sair, também não os incentiva.

O "Lar" possui em suas dependências um local para prática religiosa, mas alguns preferem continuar frequentando o mesmo lugar que frequentavam antes de se mudarem para lá .

Em termos de profissionais, o "Lar" conta com: um médico, duas tardes por semana; uma psicóloga, também duas tardes por semana; uma auxiliar de enfermagem todos os dias; além do pessoal da cozinha, da faxina e um porteiro diurno. Existe ainda um casal de funcionários que são uma espécie de caseiros. Vivem lá há 25 anos, e devem ter hoje uns 48 anos de idade aproximadamente. Ela funciona como uma super-governanta ou uma chefe administrativa: contrata e demite o pessoal da limpeza e da cozinha, decide o cardápio, quem vai fazer o que e quando vai fazer. Se alguém passa mal de madrugada, o casal providencia tudo. Ele ajuda na manutenção do lugar.

A direção do "Lar dos Velhos" conta com vinte diretores que são representados pela figura do presidente, que fica todas as tardes na instituição, assessorado por uma secretária. O presidente cuida da contabilidade, da entrada e

saída de novos moradores, da contratação de pessoal especializado, do abastecimento e da manutenção de um padrão de funcionamento da instituição. Ele executa tudo o que é decidido nas reuniões de diretoria.

Existem algumas regras que determinam a rotina de funcionamento:

- Todo idoso que não tiver condições, temporária ou permanentemente, por questões físicas ou psíquicas, de cuidar de si, deverá ter uma acompanhante. Essa acompanhante deverá ser contratada pelo idoso ou por quem estiver responsável por ele, e deverá pernoitar, bem como fazer as refeições no Lar, durante seus plantões.
- Os horários das refeições devem ser respeitados. Aqueles que estiverem impossibilitados de se locomover até o refeitório, receberão as refeições no apartamento, mediante solicitação.
- Não é permitido às visitas fazer refeições ou pernoitar no "Lar", a não ser em situação excepcional, mediante justificativa.
- O idoso que for se ausentar de uma refeição deverá comunicar o fato com antecedência.
- O idoso que for pernoitar fora por uma ou mais noites ou viajar deverá comunicar a direção previamente.
- Não é permitido cozinhar nos apartamentos.

Em termos de atividades, o "Lar" oferece: comemorações de datas festivas religiosas; festa para os aniversariantes do mês, a cada 30 dias; jogo semanal de bingo e tarde de música, com músicas de fita.

3.1.3 A ENTRADA DO IDOSO NO LAR E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Existem alguns fatores comuns que podem ser considerados precipitantes da tomada de decisão de procurar a instituição. Os mais frequentes são: viuvez; acidentes ou doenças graves após os quais o idoso ou familiares concluem que ele não é mais auto-suficiente para viver só; solteiros(as) que perdem os últimos parentes vivos e buscam encontrar amparo, companhia e descanso dos afazeres domésticos.

Levando-se em conta tais fatores, consideramos quatro situações diferentes que marcam a entrada do idoso no "Lar" e suas consequências:

1. Ele(a) quer realmente morar no Lar e é independente financeiramente.
2. Ele(a) quer realmente morar no Lar e é dependente financeiramente.
3. Os filhos e/ou parentes o(a) convencem a morar no Lar e ele(a) é independente financeiramente.
4. Os filhos e/ou parentes o(a) convencem a morar no Lar e ele(a) é dependente financeiramente.

No primeiro caso, o idoso sente que realmente fez uma escolha e tem total liberdade de usufruí-la. Foi ele quem procurou o local e acertou as condições que lhe pareceram favoráveis. Sente-se portanto no comando de seu destino, podendo cobrar da instituição o que lhe parece justo. Conta também com a possibilidade de tentar outra alternativa, caso venha a se arrepender dessa tentativa. Houve, por exemplo o caso de um senhor que conheceu uma senhora enquanto morava no lar e optou por sair e construir sua vida com ela em um apartamento, pois desejavam maior privacidade. Existem outros casos de viúvos, viúvas, solteirões e separados que vivem bem nesse esquema. Eles procuravam por um lugar, onde não precisassem se preocupar com a alimentação, manutenção da casa e tivessem a companhia de outras pessoas. Esses passeiam, visitam amigos, recebem visitas e buscam se relacionar com os outros moradores. Conversam, brincam, contam piadas e são solidários e amigos.

No segundo caso, existe a escolha por parte do idoso mas, não sendo ele o seu próprio provedor, observa-se um certo constrangimento com relação ao fato de gerar despesas a outras pessoas. Existe uma preocupação constante em não dar trabalho, não reclamar. Qualquer melhoria na instituição que possa representar um aumento na mensalidade desperta apreensão e não existe a mesma liberdade de voltar atrás na decisão, pois afinal já gastaram muito dinheiro com ele. Alguns mesmo estando bem adaptados e satisfeitos, gostariam de receber mais visitas da

família, mas não ousam fazer "mais uma cobrança". Ainda assim, nesses casos, morar lá é gratificante para essas pessoas pois atende às expectativas que fizeram com que fossem para o Lar. Eles se relacionam bem com os outros. Apenas saem menos, principalmente os que não podem se locomover de ônibus, porque "não podem gastar muito". Com o tempo perdem um pouco a noção do valor do dinheiro.

No terceiro e quarto casos, os que consideramos terem sido "convencidos" a ir para o "Lar dos Velhos", encontramos as maiores dificuldades de adaptação. De tanto insistirem, o idoso acaba aceitando pois, ou não se sente querido na casa dos familiares, ou sente-se incapaz de continuar vivendo sozinho.

É comum os pais atribuírem a atitude dos filhos de não ficarem com eles em suas casas aos genros e noras:

"...Para um é pai e mãe mas para o outro é sogro e sogra..." ou "Qual o genro que quer uma sogra dentro de casa? Qual a nora que quer a sogra dentro de casa?" ou ainda, "Naturalmente meu genro faz questão de manter sua privacidade." Parece bem mais fácil aceitar uma recusa que não venha diretamente dos próprios filhos, que nada podem fazer nessas circunstâncias, sob pena de prejudicar seus casamentos. E, é claro, nenhum pai ou mãe que realmente ame seus filhos iria querer prejudicá-los...

Muitos idosos, ao envelharem, não querem continuar vivendo sozinhos e acham natural, até mesmo lógica a idéia de

irem morar com os filhos. Não conseguem sequer cogitar que as coisas não aconteçam dessa maneira. Para eles os pais se sacrificaram para criar os filhos e agora os filhos devem retribuir amparando-os na velhice. Algumas vezes as famílias tentam essa nova organização. A maioria das tentativas não dá certo, porque não existe muita flexibilidade em promover mudanças em função do novo membro. O idoso passa a ser um agregado. E se por um lado a família não se empenha, por outro, o idoso muitas vezes quer que todo o funcionamento da casa mude em função dele, sem levar em conta também as necessidades de todos. Então o idoso vem para o lar.

Quando o idoso compreende o conflito e as dificuldades da convivência, em função de todas as mudanças envolvidas, ele pode elaborar essa solução como a melhor na medida do possível e então tentar fazer tudo para levar sua vida, de uma forma prazerosa. Entretanto, se ele encara essa situação como desamor, desprezo, pouco caso, logo se inicia um "jogo" de auto-flagelação e auto-destruição no idoso, talvez como uma forma não consciente de punição através da culpa.

Mas os familiares, ao sentirem-se culpados da situação, ao invés de aumentarem a assistência ou levarem o idoso para casa, acabam por evitar sistematicamente essa situação que lhes é aversiva, seja espaçando progressivamente suas visitas, seja fazendo as "visitas de médico", que duram alguns minutos. Temos

então um idoso entristecido cuja auto-imagem vai ficando cada vez mais deteriorada. Esses são os que passam os dias entre suas lamúrias e suas doenças, tomados por uma angústia que só tende a aumentar, na medida em que a tristeza faz com que fiquem doentes e as doenças que não param de surgir, com que fiquem dia a dia mais tristes.

"Os psiquiatras chamam "gribouillisme"* a atitude que consiste em jogar-se na velhice... "Exagera-se". Porque se arrasta um pouco a perna, simula-se paralisia; porque se está um pouco surdo, pára-se de ouvir. As funções que não se exercem mais se degradam e, de tanto fingir de doente, fica-se doente... Vingam-se dos outros, exagerando sua impotência; vimos que o caso é frequente nos asilos: porque foram abandonados, eles se abandonam, e se recusam ao menor esforço... muitos acabam entrevados." (Beauvoir, 1970, p.372)

Mesmo quando o idoso quer continuar morando sozinho em seu apartamento, acaba ficando assustado com as previsões catastróficas dos responsáveis pelo trabalho de "convencimento". Falam a ele da possibilidade de ser assaltado; ou ainda ferido ou morto e roubado por uma empregada ladra; que ele pode cair ou passar mal sozinho em casa e não ter como pedir socorro. Acreditamos que essas previsões correspondam aos medos reais dos familiares, que tentam poupar seus pais ou parentes de passar por experiências como essas, evitando o seu sofrimento.

Só que assim como as mães que prendem seus filhos em

* De "gribouille" - pessoa ingênua que se joga estupidamente nos próprios aborrecimentos que deseja evitar. (Beauvoir, 1970 , p.372.)

casa para que nada de mal lhes aconteça, tal atitude trás consequências penosas. Os idosos ficam ansiosos, inseguros, às vezes infelizes por não se adaptarem ao novo esquema de vida. E, quando por azar passam por uma dessas situações, ser assaltado ou ludibriado, sentem-se culpados, inferiorizados com a falsa idéia de que isso só lhes aconteceu por serem velhos. Nessas condições, temem a reação dos familiares ao contar o que lhes aconteceu e a crença de que devem ficar em casa sem se expor aos perigos do mundo é cada vez mais reforçada.

" Os filhos, em muitos casos movidos pela afetividade, fazem o pai ou a mãe, que acaba de enfiuvar, transformar radicalmente sua vida desfazendo-se de sua casa, móveis, objetos domésticos. Esta atitude plena de proteção, "nós agora tomamos conta de você", é responsável pela infelicidade de grande número de idosos." (Canôas, 1985, p.43.)

Esses idosos sofrem as perdas de suas próprias casas e objetos, dos quais foram induzidos a se desfazerem, bem como de sua rotina de vida anterior: seus horários, sua vizinhança, seus hábitos alimentares e manias. Um deles, por exemplo, há anos cultivava o hábito de ir a banca de jornal às três horas da madrugada e conversar com o jornaleiro, enquanto lia os jornais recém chegados até que o dia clareasse e fosse comprar pão. Ele conta que já tinha um lugar na banca que o jornaleiro reservava para ele. No "Lar dos Velhos" não é permitido sair no meio da madrugada, período em que esse senhor costuma ter insônia, devido a força do hábito. Isso ocorre porque não é permitido aos

moradores terem a chave da portaria, e embora não seja explicitado, o fato é que eles não são considerados responsáveis para tanto. Realmente alguns apresentam sintomas de artériosclerose ou demência senil, mas a regra se estende a maioria, que se encontra em perfeito juízo mental.

Existe apenas uma vantagem com relação ao terceiro caso, sobre o quarto. Ser independente financeiramente ajuda o indivíduo a manter sua auto-estima, em um meio que valoriza muito o ter. Além de objetivamente sabermos que algumas gorjetas podem operar milagres, assim como bons salários para as acompanhantes. No que diz respeito ao lazer, o velho que depende do dinheiro dos outros fica muito negligenciado. Ele não tem coragem de pedir nada na maioria das vezes, pois sente-se um fardo pesado para aqueles que os sustentam. Estes, talvez por acharem realmente que já fazem muito, por esquecimento, por preocuparem-se apenas com as questões de sobrevivência ou por falta de condições financeiras, nada fazem a esse respeito.

Quando o idoso tem sérias dificuldades de locomoção, ele fica dependente de táxis para ir de um lugar ao outro. Sem dinheiro, ele realmente se isola. E, se não tiver em seu apartamento coisas para oferecer às visitas e o necessário para sentir-se seguro de sua aparência, então esse isolamento torna-se quase absoluto.

Pode ocorrer o idoso ao entrar ser independente

financeiramente e em um curto intervalo de tempo, os filhos assumirem o seu patrimônio, destituindo-o de qualquer poder. Diz um morador lá de "Lar":

"A tendência é os filhos ficarem com os negócios dos pais. As vezes não é maldade, mas eles acham sempre que podem administrar melhor. Os pais, por amor aos filhos, vão renunciando. Os filhos então dão "mesada" aos pais e controlam o que eles vão fazer com o dinheiro. Os pais que foram autônomos as vezes conseguem manter uma maior independência."

3.1.4 O PAPEL DA FAMÍLIA

Em qualquer situação a família é importante como fonte de amor, carinho, atenção.

Mas, no caso do velho institucionalizado, principalmente aqueles que tem filhos, é comum surgir a pergunta: Por que os filhos não receberam seus pais em suas casas?

Pelo que temos observado e ouvido, a questão não é tão simples assim. A começar pelo fato de que nem todos os pais desejam morar com os filhos.

Uma senhora me fez o seguinte relato:

"A minha filha trabalha fora o dia todo e os netos estão envolvidos com os compromissos da faculdade. Quando ela chegava de noite, vinha estourada. Não tinha condições de me dar atenção, embora se esforçasse. Eu decidi vir para o "Lar". Ela insistiu para que eu ficasse, pois é viúva e o apartamento tem um quarto para mim. Mas eu senti muito tédio. Queria ficar entre os meus colegas. Já tinha vindo aqui visitar uma amiga e gostei do que vi. Então eu vim aqui, tratei tudo. Já estou enturmada. É isso que eu quero agora na minha vida. E além disso, a minha filha manda a empregada vir aqui duas vezes por dia para me levar para passear. Todo dia vem alguém me ver. Eles moram pertinho, saltam um ponto antes e me visitam."

Todos os idosos que optaram por morar na instituição manifestam essa linha de pensamento.

No decorrer das leituras feitas para essa dissertação, encontramos o seguinte depoimento relativo a este tema:

" Todos os entrevistados, se passassem por esta situação, prefeririam continuar assumindo a responsabilidade de suas vidas. "Eu, e todos os idosos meus amigos, preferimos sem dúvida alguma morar só, na velhice, do que com os filhos. Pode escrever aí: não dá certo. É bobagem tentar. Os filhos misturam o que ensinamos com o que aprendem no casamento ou no trabalho, assim ficam diferentes, criticam desde a maneira como arrumamos nosso armário, até mesmo se botamos uma imagem de santo na parede. Nós, os velhos, não sabemos fazer mais nada. Suas críticas, mesmo as delicadas, nos tornam inseguros e atrapalhados. Gosto de meus filhos e fico contente de saber que estão bem, mas é bom para eles e para mim continuar com a minha casinha, embora com muitas dificuldades financeiras. Lá quem manda sou eu." (Ganôas, 1985, p.43,44)

Outra situação possível é a de alguns membros da família não se adaptarem a presença do idoso.

"A mamãe morou um tempo conosco. Preparei o quarto dela. Mas ela reclamava dos tapetes da casa. As vezes sujava o quarto e ficava mal cheiro, quando não conseguia ir ao banheiro a tempo. Meus filhos reclamavam, meu marido também. Se ela tivesse morado conosco desde que eu me casei, mas não foi assim. Minha família não está acostumada. Na hora de comer era um problema. As vezes ficávamos constrangidos quando tínhamos visitas. Evitávamos as visitas".

Com frequência o idoso que deseja morar com os filhos idealiza muito a esse respeito, principalmente se ainda não teve essa experiência, e encontra-se em uma instituição. Fica sonhando que todos os seus problemas estariam resolvidos e é claro, acredita que a casa iria funcionar do seu modo. Na prática verifica-se que se as pessoas da casa trabalham fora, o velho

fica mesmo é sozinho. Ocasionalmente eles são colocados em um canto da casa, ao pé da letra. Residem em um quartinho sem que sejam encorajados a participar do movimento da casa e isolam-se cada vez mais, na medida em que não sentem como importantes suas opiniões e sua presenças.

Pode acontecer que as características pessoais do idoso facilitem sua adaptação a ambientes em que fique sozinho. Afinal, as diferenças interpessoais estão presentes durante todo o ciclo vital dos seres humanos. Logo, não existem regras e sim infinitas possibilidades de sentimentos e reações.

Ao analisarmos as dificuldades entre familiares e os idosos, devemos investigar a história desses relacionamentos. Em alguns casos a indiferença dos familiares é decorrente de ressentimentos antigos. Em outras palavras, nem sempre o "bom velhinho" de hoje foi tão bom assim.

O que importa é estarmos conscientes de que essa questão do bem e do mal também está presente em todo o ciclo vital.

Finalmente, a família exerce um importante papel na adaptação do idoso a instituição. Quando o idoso que foi "convencido" pelos parentes a ir para o "Lar", de repente se vê abandonado, esquecido, sem apoio para enfrentar a nova situação, ele se deprime, fica abatido e assistimos o seu definhamento rumo a morte. Muitas vezes sente-se traído ao verificar que as coisas

não estão acontecendo como lhe prometeram. Não raro, as próprias acompanhantes dos mais doentes ficam indignadas frente ao pouco caso da família.

Contrariamente, quando a família se faz presente, preocupa-se em ajudar a tornar o ambiente novo o mais agradável possível, orienta e acompanha o trabalho da acompanhante, enfim, dá mostras de seu carinho e zelo, o idoso sente-se seguro, tranquilo. Nessas condições, muitos até chegam a conclusão de que já sentem-se melhor do que na casa dos filhos ou quando moravam sós.

3.1.5 A ILUSÃO DE UM LAR: OS PROBLEMAS DA INSTITUIÇÃO

No "Lar dos Velhos", o idoso tem suas necessidades básicas atendidas: alimentação, moradia, limpeza e cuidados com a sua saúde. Entretanto, fica submetido a uma série de normas de funcionamento da instituição que vão determinar o que, quando e como no seu dia-a-dia. Assim ele tem que comer tal comida, a tal hora, em tal lugar. Falta a liberdade e a individualidade que o verdadeiro lar nos proporciona. Na instituição tudo é muito impessoal e isso dá ao ambiente uma certa frieza, um certo distanciamento afetivo no sentido de que esses idosos sentem-se tratados, mas não se sentem amados ou especialmente queridos por essas pessoas com quem convivem.

"As instituições de amparo a velhice propõe-se a cuidar

das pessoas idosas e, para tanto, organizam-se em função do que um velho necessita: alimentação, higiene, abrigo, cuidados médicos, distração para passar o tempo. ... Os clientes, os velhos, passam a meros consumidores desses serviços básicos prestados pela Instituição. Onde ficam, porém, as outras características da condição humana? Pessoas não se satisfazem somente porque comem, dormem em lugar seguro e têm tudo limpo à sua volta." Canôas, Cilene. A Condição Humana do Velho, p.17

A casa de uma pessoa é frequentemente o local onde ela pode fazer o que deseja, onde ela exerce seu poder e autoridade de dona da casa. Ela escolhe quem terá acesso a sua privacidade, que alimentos e que guloseimas serão consumidos, a que horas vai apagar as luzes e a que horas irá se levantar; se vai ou não receber hóspedes e se terá convidados para o almoço e/ou jantar.

Nossa casa é também fonte de muitas atividades: coisas a arrumar, pequenos serviços a serem feitos, consertos, culinária, fora o trabalho mais pesado que muitos optam por delegar a outras pessoas como lavar, passar e faxinar.

As senhoras mais ativas do "Lar de Velhos" fazem questão de contar que lavam suas roupas íntimas e vestidos mais leves - o resto fica para a lavanderia da Instituição - e que ao passarem uns dias com os filhos preparam alguns de seus quitutes favoritos e ajudam com as crianças. Entretanto nem todos os filhos mantêm esse relacionamento com os pais e no "Lar" essas atividades ficam bem reduzidas. O que se nota em alguns velhos, dependendo da forma como se deu sua entrada na Instituição - conforme discutimos anteriormente - é um grande saudosismo de sua casa e conseqüentemente, de seus antigos hábitos.

Essas diferenças entre o antigo lar e o atual "Lar" tornam difícil para o idoso que ele sinta-se em casa.

Alguns idosos identificam a situação de morar no "Lar" com a de estar hospedado em um hotel em função das regras e da ausência de atividades domésticas, que podem vir a transformar o repouso em tédio profundo com facilidade. Outros, que entraram no Lar após um período de internação em Casas de Saúde, costumam pensar que estão em "outra clínica". Esses são aqueles casos em que após um acidente ou doença grave, os familiares concluem que o velho não tem mais condições de viver só. Então de repente o velho sai da Casa de Saúde e se vê no "Lar", sem outra alternativa, e na maioria das vezes com uma acompanhante que escolheram para ele, vestida de branco e fazendo papel de enfermeira. Muitos ficam no "Lar" pensando que seja apenas por um período, até que eles fiquem bons o suficiente para voltarem para casa. Assim referem-se a Casa de Saúde como a outra clínica, aquela em que estiveram antes dessa. Alguns reclamam que faltam médicos e aparelhos "nesta clínica", e precisamos explicar-lhes o que é o "Lar de Velhos" até que consigam assimilar. Isso ocorre porque a mudança dessas pessoas costuma ser feita em um momento em que se encontram confusas devido a doença ou acidente e período de internação a que se submeteram.

3.1.6 COMENTÁRIO FINAL

Em função das finalidades dessa etapa de contato

preliminar com o campo, que mencionamos no início deste capítulo, gostaríamos de ressaltar alguns pontos:

- Verificamos que os idosos, ainda que submetidos a uma série de estímulos comuns, como moradia, rotina de horários, alimentação e distanciamento dos familiares, apresentavam comportamentos diferentes entre si.

- A partir das nossas observações concluímos que pelo menos duas variáveis influenciavam na determinação das diferenças dos comportamentos :

- . a entrada no "Lar" ter ou não ocorrido por livre escolha;
- . o idoso ser ou não independente financeiramente.

Contudo, embora essas variáveis tenham nos possibilitado avaliar quatro tendências gerais de padrões comportamentais, elas não explicavam algumas diferenças individuais que observamos dentro de cada uma das quatro situações levantadas (ver Item 3.1.3) .

Por exemplo: alguns idosos que entraram no "Lar" convencidos pelos familiares, apresentavam melhor capacidade de adaptação que outros, nas mesmas circunstâncias, ainda que de modo geral fosse mais difícil para todos nessas condições se adaptarem, quando comparados com os que lá haviam ingressado por livre escolha.

Outras diferenças observadas a esse nível foram em relação a sociabilidade e flexibilidade em aceitar os regulamentos.

Os dados recolhidos do campo nos levaram a inferir que essas diferenças ocorriam em decorrência das variáveis de personalidade.

- A partir dessa experiência no "Lar dos Velhos" encontramos respaldo para delimitar a nossa pesquisa junto ao idoso não institucionalizado. Nos propusemos a investigar a relação entre as variáveis de personalidade e atitude frente ao envelhecimento.

Posteriormente, por assumirmos uma perspectiva desenvolvimentista da personalidade, desdobramos a nossa questão e passamos também a tentar verificar se existia uma continuidade das características básicas de personalidade nas diversas fases do ciclo vital. Por último a curiosidade científica nos levou a buscar uma comparação entre homens e mulheres, nas questões que estávamos pesquisando.

3.2 A PESQUISA: HISTÓRIAS DE VIDA DE IDOSOS NÃO INSTITUCIONALIZADOS

3.2.1 O MÉTODO HISTÓRIA DE VIDA

O método história de vida consiste em um tipo específico de entrevista em que o entrevistado relata os

acontecimentos de sua vida desde o primeiro evento que possa se lembrar, até o seu momento presente. Esse é um tipo de entrevista livre, em que o entrevistado conduz o seu próprio discurso, sem ter a preocupação de manter uma ordem cronológica no mesmo.

Utilizamos esse método por se adequar ao propósito desta pesquisa, na medida em que através dos relatos de vidas, poderíamos investigar a formação da personalidade dos sujeitos, captar através de suas histórias como eles se comportaram nos diversos momentos e situações que viveram, quais eram seus valores e sentimentos e se sofreram mudanças ou não ao longo do processo de envelhecimento; e ainda buscar a relação entre as variáveis da personalidade e a atitude frente a velhice.

" Foi a psicologia que primeiro se serviu das histórias de vida (...). Para a psicologia é o indivíduo como tal o centro de interesse; mesmo considerando que a personalidade resulta da interação indivíduo-grupo, toda a ênfase é dada ao primeiro: através da história de vida busca-se compreender como a personalidade se formou e as vicissitudes que atravessa devido ao contato com o grupo: como, a partir de um núcleo de qualidades inatas, se desenvolveu e absorveu os valores que o grupo ora lhe oferece, ora lhe impõe; ou então busca-se estudar o indivíduo e suas reações em determinada situação, considerados como parte do ambiente e influenciando sobre o ambiente; em ambos os casos, é sempre o 'indivíduo' que interessa; a história de vida, nos dois casos, apresenta ótimas possibilidades de estudo." (Pereira de Queiroz, 1953, p.161)

Segundo Rosana Glat, história de vida ou relato de vida :

"... consiste na história de uma vida ou acontecimento tal qual a pessoa ou pessoas que as vivenciaram (ou estão presentemente vivenciando) narram ao entrevistador." (Glat, 1989, p. 29)

É importante assinalar que no método história de vida, o que vai interessar é o ponto de vista do sujeito, não importando a veracidade dos fatos em si, e sim a forma com que foram vivenciados pelos entrevistados.

Esse aspecto está em acordo com a perspectiva deste estudo que prioriza a percepção que os sujeitos têm dos fatos, na medida em que acreditamos que os comportamentos decorrem da percepção que os indivíduos têm do mundo e não dos fatos em si.

Outra característica desse método diz respeito ao fato de mesmo possibilitar a identificação de elementos gerais que se repetem nos discursos dos sujeitos e que de alguma forma refletem a realidade do grupo em que estão inseridos.

" Toda entrevista individual traz à luz direta ou indiretamente uma quantidade de valores, definições e atitudes do grupo ao qual o indivíduo pertence." (Glat, 1988, p.31)

Logo, encontramos nesse método a possibilidade de ampliarmos nossa compreensão do universo do idoso.

3.2.2 AS ENTREVISTAS

Entrevistamos para esta pesquisa vinte idosos, dez mulheres e dez homens, com idade a partir de 65 anos.

A utilização desse critério, conforme explicamos anteriormente, ao definirmos os termos deste estudo (ver cap.1), deveu-se a necessidade de um parâmetro objetivo para delimitarmos o grupo com que iríamos trabalhar.

Consideramos o critério válido, por sua utilização intensa como parâmetro em nossa sociedade, caracterizando a faixa da população que sofre o estigma da idade avançada: população essa o foco de nosso interesse.

Não houve uma seleção dos sujeitos da pesquisa. O grupo foi constituído em função da disponibilidade das pessoas. Parte dos sujeitos foram indicados por amigos e conhecidos e parte foram convidados pela pesquisadora em situações do cotidiano: no ônibus, no clube do aposentado do Posto 6 e no calçadão da praia (Zona sul do Rio de Janeiro).

Todos os sujeitos entrevistados podem ser considerados de classe média. Essa afirmação parte do princípio de que todos vivem com um certo conforto, mas relataram dificuldades para manter o padrão de vida.

Praticamente todas as entrevistas foram realizadas nas casas dos sujeitos, apenas uma foi realizada no consultório da pesquisadora, por escolha do próprio sujeito que alegou não ter privacidade suficiente em sua casa.

As entrevistas duraram em média uma hora e meia, sendo que optamos pelo uso do gravador para registro das mesmas, a fim de garantir a fidedignidade dos depoimentos.

Procuramos estabelecer um clima de confiança com os sujeitos, e acreditamos que atingimos esse objetivo pois todos os entrevistados, ao final do encontro, manifestaram surpresa pela quantidade e qualidade dos fatos revelados.

Tanto os homens como as mulheres viveram momentos de forte emoção em seus relatos, na medida em que se recordavam de acontecimentos marcantes de suas vidas.

"... o sujeito não relata simplesmente sua vida, ele reflete sobre ela enquanto a conta." (Bertaux, 1980 apud Glat, 1989, p.32)

As entrevistas foram livres, sendo que era solicitado aos sujeitos que fizessem um relato das suas vidas, percorrendo as passagens que lhes fossem mais significativas, partindo de suas lembranças mais antigas, sem contudo se preocuparem em respeitar a cronologia dos fatos.

Nos permitimos fazer algumas perguntas abertas aos sujeitos durante seus relatos, quando acreditávamos que as mesmas poderiam enriquecer as entrevistas com informações relevantes para as questões que estávamos investigando; entretanto, nos preocupamos em fazê-las de forma a não influenciar a direção que os sujeitos estavam dando a seus discursos. As interrupções ocorreram mais no sentido de obter maiores detalhes dos temas que estavam sendo abordados.

Ao final dos relatos, também fizemos perguntas abertas sobre temas relevantes para nossa pesquisa, que não tivessem sido abordados. Nesses casos, quando os entrevistados manifestaram de alguma forma estarem incomodados, não insistimos no assunto; mas, na maioria dos casos esse recurso se mostrou bastante produtivo

para o presente estudo, sendo bem aceito pelos sujeitos que responderam as questões com o mesmo empenho e naturalidade manifestados ao longo da entrevista.

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

Em função de dispormos de histórias de vidas, bem como pelo caráter de nossa pesquisa, optamos por proceder a uma análise qualitativa dos dados. Para tanto utilizamos a técnica de análise de conteúdo.

De acordo com Kerlinger (1973, p.525) a análise de conteúdo permite ao pesquisador questionar os discursos produzidos pelas pessoas. Ele acrescenta que essa técnica pode ser utilizada com todos os tipos de comunicações.

Uma definição reconhecida dessa técnica vem a ser a de Berelson, para quem a análise de conteúdo consiste em:

" (...) uma técnica de investigação que através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações." (apud Bardin, 1988, p.36)

É importante especificar que embora a análise de conteúdo possibilite uma descrição quantitativa do conteúdo das comunicações, como aponta a definição de Berelson, ela pode ser também utilizada na análise qualitativa dessas mesmas comunicações.

Baseado em uma significativa revisão bibliográfica acerca do tema, Bardin chegou a seguinte conceituação de análise de conteúdo:

" Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) * que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens". (Bardin, 1988, p.42) (* Grifo nosso)

Sendo que:

" O termo condições de produção, é suficientemente vago para permitir possibilidades de inferência muito variadas: variáveis psicológicas do indivíduo emissor, variáveis sociológicas e culturais, variáveis relativas à situação de comunicação ou do contexto da mensagem." (Bardin, 1988, p.40)

A análise de conteúdo se processa através da fragmentação da comunicação em categorias. Para tanto, o analista estipula unidades de codificação. A unidade de codificação pode ser por exemplo a palavra, ou a frase .

" Este tipo de análise, o mais generalizado e transmitido, foi cronologicamente o primeiro, podendo ser denominado análise categorial. Esta, pretende tomar em consideração a totalidade de um 'texto', passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido." (Ibidem, p.36,37)

Através da análise categorial, o analista pode inferir, ou seja, deduzir de maneira lógica conhecimentos, a partir dos dados de que ele dispõe.

" Não se trata de atravessar significantes para atingir significados, à semelhança da decifração normal, mas atingir através de significantes ou de significados (manipulados), outros 'significados' de natureza psicológica, sociológica, política, histórica, etc." (Ibidem, p.41)

Em nosso estudo trabalhamos com o cruzamento de duas dimensões de análise, a saber: características de personalidade e atitude frente ao envelhecimento.

Essa escolha se deu em função de algumas idéias que nos surgiram em decorrência da abordagem teórica deste trabalho e de nossa experiência no campo, recapitulando:

- As pessoas idosas que apresentam uma personalidade madura, de acordo com os seis critérios propostos por Allport (ver item 2.2), valorizam positivamente a sua existência, em seus relatos.

- O envelhecimento é um processo individual, único; logo, cada velhice tem as suas particularidades que estão diretamente relacionadas a personalidade que se formou ao longo do ciclo vital.

- Cada indivíduo tem a sua percepção das situações relacionadas à velhice e essa diferença de percepção faz com que tenham comportamentos diferentes, quando submetidos aos mesmos estímulos.

- A velhice pode ser entendida como um prolongamento das fases que a antecederam, e nessas se pode notar uma certa direção na forma de agir que se mantém ao longo do percurso vital.

De modo que buscamos encontrar evidências acerca dessas conjeturas nos fragmentos dos discursos dos sujeitos, utilizando a técnica de análise categorial.

Trabalhamos com quatro categorias primárias: personalidade madura / personalidade imatura como uma dimensão de análise, e atitude positiva frente ao envelhecimento / atitude negativa frente ao envelhecimento como a outra dimensão. Cada uma dessas categorias foram divididas em categorias secundárias.

As categorias secundárias da personalidade madura foram criadas a partir dos seis critérios propostos por Allport (1961, 1966) :

- a) Ampliação do sentido do eu;
- b) Auto-Objetivação;
- c) Filosofia unificadora da vida;
- d) Capacidade de manter relacionamentos calorosos;
- e) Segurança emocional (auto-aceitação) ;
- f) Disposição de perceber, pensar e agir com entusiasmo, de acordo com a realidade externa.

As categorias secundárias da personalidade imatura consistiram no contra-ponto dos critérios de maturidade:

- a) Egocentrismo;
- b) Auto-engano;
- c) Ausência de filosofia unificadora da vida;

- d) Incapacidade de manter relacionamentos calorosos com os outros;
- e) Insegurança emocional (negação do eu);
- f) Percepção, pensamento e ação sem entusiasmo e em desacordo com a realidade externa.

Considerando a outra dimensão de análise, relativa a atitude, no que diz respeito a atitude negativa frente ao envelhecimento as categorias secundárias foram construídas a partir do estereótipo da velhice que encontramos em nossa sociedade: e a partir do que consideramos ser o seu contra-ponto, elaboramos as categorias secundárias da atitude positiva frente ao envelhecimento.

A seguir apresentamos as cinco categorias secundárias que frequentemente são associadas à velhice, acompanhadas de citações recolhidas da literatura a esse respeito:

a) Depressão:

" A depressão constitui o tipo mais importante de problemas psiquiátricos entre os idosos, e muito provavelmente constitui-se na maioria dos casos clínicos (Glow & Allen, 1949; Straker, 1963; Busse & Pfeiffer, 1973). A crescente proporção de casos de depressão entre as pessoas idosas é uma tendência geral. Nenhum outro grupo etário tem uma percentagem tão elevada de casos (Swab, Holzer & Warheit, 1973; Scott & Galtz, 1975; Levitt & Lubin, 1975)." (apud Brink, 1983, p.43,44)

" (...).O que caracteriza a velhice é a perda dos ideais da juventude, é a dessintonização com a mentalidade do seu tempo, é o desinteresse pelo cotidiano nacional e internacional, é o humor irritadico, é a desconfiança no futuro, o desamor ao trabalho." (Ávila, 1978 apud Haddad, 1986, p.27)

b) Solidão:

" As pessoas da terceira idade talvez precisem mais de companhias do que as novas (que as têm rotineiramente no ambiente de trabalho, ou de estudo), embora nem sempre percebam essa necessidade, mergulhadas que estão em sua solidão." (Kaufmann, 1982, p.42)

" A velhice é um período de declínio. É o período que antecede a cessação da vida. É um período em que os poderes físicos e mentais declinam. É um período em que a vida familiar se altera e muitos dos que viveram como pessoas casadas passam agora a viver sozinhos. A solidão pode constituir um problema. (...) A aposentadoria, a viuvez e a solidão são problemas sérios para o velho." (Telford & Sawrey, 1983, p.550, 552)

c) Saúde abalada com problemas frequentes:

"... a imagem geral sobre as pessoas de mais idade pressupõe a fraqueza e a decrepitude." (Butler & Lewis, 1985, p.14)

De acordo com Skinner & Vaughan (1985), a velhice tem sido mostrada "... como um quadro de sofrimento, doença e pobreza. "

" Alguém já disse que, se você quiser saber como se sente um velho, embace os óculos, tape os ouvidos com algodão, calce sapatos pesados e folgados demais para seus pés, ponha luvas, e tente mesmo assim, levar seu dia de modo normal." (Ibidem, 1985 ,p.35)

"Os idosos são vistos como frágeis, débeis ..." (Brink, 1983, p.30)

d) Tédio e rotina:

O tédio e a rotina são frequentemente associados a situação da aposentadoria.

" Porém,(...), a perda da renda e do status, o isolamento e o tédio podem levar ao desespero. O fim do trabalho é um exílio, se não houver nada para absorver os interesses e as energias da pessoa. E os velhos vivem numa sociedade onde geralmente não existe nada disso." (Vlorst, 1990, p.297)

" Está provado que atividade e longevidade guardam íntima relação de causa e efeito. (...) O trabalho protege-nos de grandes males, como os vícios e o tédio." (Léa, 1989, p.277)

e) Falta de desejo e/ou atividade sexual;

" Uma mitologia alimentada por informações erradas rodeia a sexualidade após a idade madura. Supõe-se que o desejo sexual automaticamente diminui com a idade - que começa a declinar quando estamos na casa dos quarenta, continua a cair vertiginosamente (você está 'se acabando') e finalmente alcança o fundo (você já 'pendurou a chuteira') em algum momento entre sessenta e sessenta e cinco anos. (...) O que em um jovem seria chamado de sensualidade, em um velho é libertinagem." (Butler & Lewis, 1985, p.13).

" (...). Pois sexualmente os velhos são neutralizados pela mensagem silenciosa de que o desejo sexual na velhice é inconveniente, de que as chamas da paixão devem ser extintas ou disfarçadas. (...) a imagem da carne envelhecida juntando-se no ato sexual ainda parece repulsiva para muita gente. (...) Os velhos geralmente vivem meia vida porque sabem que despertarão sentimentos de repulsa e medo se tentarem viver completamente. Nem todas as paixões estão necessariamente ausentes aos oitenta anos, mas para os velhos é conveniente fingir que estão." (Viorst, 1990, p.298)

Consideramos as categorias secundárias da atitude positiva frente ao envelhecimento, conforme colocamos anteriormente, o contra-ponto das circunstâncias que acabamos de enumerar:

a) Vivacidade;

b) Relacionamentos com amigos e familiares;

c) Saúde boa com problemas ocasionais;

d) Atividades;

e) Desejo e/ou atividade sexual.

Essas categorias secundárias da dimensão de atitudes, desdobraram-se em sub-categorias relativas ao ciclo vital:

- a) Infância/ Juventude;
- b) Idade adulta;
- c) Velhice.

Essas sub-categorias foram criadas para que pudéssemos investigar o aspecto da continuidade, ou seja, se existe uma certa direção na forma de agir que se mantém ao longo do percurso vital. Em outras palavras, a atitude frente ao envelhecimento está ou não relacionada a atitude do sujeito nas fases anteriores da vida.

A divisão do ciclo vital nas etapas acima discriminadas deu-se em função de considerarmos as mesmas representativas das principais fases do desenvolvimento humano.

Neste estudo utilizaremos " infância / juventude " para designar o período que se inicia ao nascer e se estende até os vinte e um anos, idade em que socialmente o indivíduo passa a ser considerado maior para o exercício pleno dos seus direitos e deveres de cidadão. A essa etapa segue-se a " idade adulta " que compreende o período dos vinte e um aos sessenta e cinco anos. Dos sessenta e cinco anos em diante, o indivíduo se encontra na sub-categoria " velhice " (no capítulo I justificamos a escolha dessa idade para designar o início dessa etapa de vida).

É importante ressaltar que entendemos o envelhecimento como um processo contínuo que tem início com o nascimento. Essa divisão do ciclo vital em estágios é a forma que encontramos para trabalhar os dados mais objetivamente, com a finalidade de apontar exatamente para a continuidade desse processo. Assim, as idades que escolhemos para designar o início de cada etapa têm a função apenas de servir como referencial para pensarmos momentos distintos do ciclo vital.

Quando delimitamos essas etapas, optamos por considerar a representação social de certas idades que são utilizadas frequentemente como marcos em nosso cotidiano, em função de nossa abordagem teórica, que enfatiza a importância do processo de socialização na percepção que as pessoas têm do mundo, e conseqüentemente, de si mesmas.

IV - RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A seguir apresentamos o quadro de análise de dados que utilizamos. Inicialmente, trabalhamos os dados obtidos nas vinte entrevistas realizadas para termos uma visão global da amostra. Posteriormente, separamos os resultados de homens e mulheres com o objetivo de investigar as semelhanças e diferenças existentes entre os dois sexos, relativas ao foco de interesse desta pesquisa.

As tabelas apontam para a frequência de sujeitos que apresentaram determinados cruzamentos de características de personalidade e atitudes frente ao envelhecimento, nas diversas fases da vida.

Em relação ao quadro de análise, gostaríamos de enfatizar que o que esperamos encontrar nos discursos foram evidências que apontassem para aproximações das categorias utilizadas. Com isso queremos dizer que sendo o amadurecimento da personalidade um processo, o que verificamos nas pessoas foi se no processo pessoal de cada uma, elas se encontravam - levando-se em consideração a maioria de seus comportamentos, sentimentos e atitudes frente a aspectos significativos da vida - próximas ou distantes do que Allport considerou que seriam sinais de maturidade. E, ainda considerando o conjunto de seus comportamentos e sentimentos e a frequência dos mesmos, verificamos se esses apontavam para uma atitude predominantemente positiva ou negativa frente ao envelhecimento.

Logo, o fato de encontrarmos vários sujeitos em um mesmo cruzamento de categorias não significa que eles se comportem exatamente da mesma forma e apresentem o mesmo nível de maturidade. Significa que eles apresentam as mesmas tendências comportamentais e níveis aproximados de maturidade em relação a determinados aspectos.

+-----+
| ATITUDE NEGATIVA FRENTE AO ENVELHECIMENTO |
+-----+

		Depre		Solidao		Saude Abal		Tedio		Falta Dsl	
		II/JII	AI V	II/JII	AI V	II/JII	AI V	II/JII	AI V	II/JII	AI V
P	ASE	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
E											
R	A-O	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
S											
	FUV	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
M											
A	GRC	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
O											
U	SEM	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
R											
A	ARE	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
P	EGO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
R											
S	A-E	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3 5
I											
	AFV	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
M											
A	IRC	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
T											
U	IEM	2	-	1	-	-	-	1	-	-	1
R											
A	DRE	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-

- * ASE - Ampliação do Sentido do Eu.
 A-O - Auto-Objetivação (auto-compreensão e humor).
 FUV - Filosofia Unificadora da Vida.
 GRC - Capacidade de manter Relacionamentos Calorosos.
 SEM - Segurança Emocional (auto-aceitação e tolerância à frustração)
 ARE - disposição de perceber, pensar e agir de Acordo com a Realidade Externa
 EGO - Egocentrismo.
 A-E - Auto-Engano.
 AFV - Ausência de Filosofia unificadora da Vida.
 IRC - incapacidade de manter Relacionamentos Calorosos.
 IEM - Insegurança Emocional (negação do eu e baixa tolerância à frustração)
 DRE - percepção, pensamento e ação sem entusiasmo e em Desacordo com a Realidade Externa.

- PERSONALIDADE X ATITUDE NEGATIVA FRENTE AO ENVELHECIMENTO NAS MULHERES

		ATITUDE NEGATIVA FRENTE AO ENVELHECIMENTO									
		Depre		Solidao		Saude Abat		Tedio		Falta Dej	
		!!/J!!	AI V	!!/J!!	AI V	!!/J!!	AI V	!!/J!!	AI V	!!/J!!	AI V
P	ASE	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
E											
R	A-O	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
S											
	FUV	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
M											
A	CRC	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
O											
U	SEM	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
R											
A	ARE	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
P	EGO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
R											
S	A-E	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3 5
I											
	AFV	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
M											
A	IRC	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-
T											
U	IEM	2	-	1	-	-	-	-	1	-	1
R											
A	ORE	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-

Embora o delineamento desta pesquisa, bem como os instrumentos de investigação nela utilizados não nos permitam fazer generalizações acerca dos resultados obtidos, podemos traçar algumas considerações a partir dos mesmos.

Para tanto voltaremos às idéias, que conforme mencionamos anteriormente, direcionavam nossa investigação.

Havíamos colocado que as pessoas idosas que apresentassem uma personalidade madura, de acordo com os seis critérios propostos por Allport, valorizariam positivamente a sua existência em seus relatos.

Encontramos em nossos quadros de análise uma relação significativa entre aspectos da personalidade madura e atitude positiva em relação a vida. Seguem alguns depoimentos que enriquecem essa afirmação.

" Sempre fui alegre desde criança. Eu sou igualzinho a minha mãe. Sou comunicativo, bem humorado, brincalhão, muito honesto. (...) Eu sou inflexível quando tenho razão; agora se eu não tiver razão, aí sou mais que flexível, sou 'quebrável'. (...) Se eu te der um relógio de ouro, você daqui a seis anos esquece, mas se eu te der um cascudo, você nunca vai esquecer. O homem nota muito mais o mal do que o bem, mas o bem é muito maior do que o mal. (...) Tenho muitos amigos de todas as religiões e respeito muito, apesar de ter a minha religião e ser muito religioso. (...) O casamento é a coisa mais importante para mim: são 42 anos juntos. Ela tinha 14 anos quando eu conheci e eu, 19, eu terminei de criar... Ela é maravilhosa. (...) Eu estudo Inglês há 53 anos. Agora trabalho em casa com as traduções. Adoro o que eu faço. A minha vida é ótima. Acho que eu sou um velho 'suis gâneris'. (Sr. V., 68anos)

" A medida que os anos passam, vão pesando. A pessoa tem que aprender a lidar com as suas limitações. A minha profissão me permite continuar trabalhando e para mim isso é importante. O idoso tem que sentir a responsabilidade. (...) Sou muito ligado a religião. Meu pai morreu, eu tinha 21 anos e isso me marcou

multo. Foram os rudimentos de religião que eu tinha na época que fizeram com que eu não metesse uma bala na cabeça. (...) Como ministro da eucaristia eu posso dar a Extrema-Unção e faço isso sempre que me chamam. Levo conforto às pessoas nesse momento de dor. O que você pode fazer por um morto? Só rezar e ao mesmo tempo é uma forma de dizer 'adeus, amigo'. (...) Tenho minha vida pautada pelos valores cristãos. (...) Sempre fui muito dedicado profissionalmente, só não fiquei rico. (...) Estou casado há 43 anos e acertei. Aprendi com ela uma qualidade que admiro muito, a humildade. (...) Eu sempre procurei a verdade, encontrei na filosofia cristã que adotei na minha vida e me sinto muito bem mesmo." (Sr.O, 72 anos)

" Eu sou caseiro, mas não paro. Em casa tem tanta coisa para fazer que eu nem sei como conseguimos manter as coisas em dia quando trabalhávamos. Descobri que ficava muita coisa pendente. Gosto de estar com a família; temos um apartamento em Guarapari e minha esposa tem família lá. Vamos para lá várias vezes ao ano. (...) Estou muito satisfeito com a vida. Me sinto como se tivesse 25 anos. Não me sinto velho. Para mim nada tem dificuldade na vida. Não tolero reclamação. Sempre me adaptei bem em tudo. Tenho facilidade de me adaptar às várias maneiras de vida. Fui da fazenda para a cidade, de lá tive que ir trabalhar no mato, em uma região inóspita, e voltei para a cidade." (Sr. R., 67 anos)

" ... Mas sempre continuei viva, alegre. Essas tragédias familiares não abalaram o meu eu, a minha maneira de encarar a vida. Porque sempre achava uma coisa boa, que a vida tinha uma compensação. Então não deixei que todas aquelas coisas me mortificassem a ponto de mudar minha personalidade. Então acho que vivi bem e vivo bem e não me importo de viver sozinha. (...) Faço muitas coisas que me realizam, uma delas é cantar no coral da igreja. Adoro músicas e não perco uma ópera. O idoso tem desconto lá no Municipal." (Sra.P., 70 anos)

"...Eu acho que na vida a gente tem que fazer as coisas, enfrentar, procurar se adaptar. Quando eu me determino a fazer alguma coisa vou às últimas consequências. (...) Tem tantas pessoas idosas que dizem assim: 'Sou muito solitária, ninguém liga para mim.' Porque a pessoa tem tendência a se isolar. Você não tem que construir uma muralha em volta de você. Tem que construir pontes para todo mundo entrar, se relacionar, ter atividades, fazer alguma coisa em prol dos outros. (...) Um dia uma colega se referiu a nós duas como inativas, porque somos aposentadas. Eu falei: 'Desculpa mas eu não sou inativa, sou aposentada.' Porque é muito diferente ser aposentada e ser inativa. Eu trabalho, trabalho muito o dia inteiro, não paro. (Sra.N, 65 anos)

" Tenho osteoporose há uns dez anos, o que não me impede de aproveitar a vida em todos os momentos. Porque o momento que passa não volta mais.(...) Agora, eu ocupo as minhas horas curtindo, procurando aquilo que eu gosto de fazer porque a vida não tem sentido se não dermos sentido a ela. É importante ocupar a cabeça, o corpo e especialmente o espírito. Atribuo o meu bem estar ao meu 'saber viver'. Porque eu tenho muito jogo de cintura. (...) A gente deve procurar ajudar os semelhantes. Eu vivo feliz porque eu ajudo os outros.(...) A vida é de tal jeito que a gente esquece das coisas ruins. (...) Eu sempre dou a volta por cima. " (Sra. E., 79 anos)

Observamos em depoimentos como esses que a determinação, a flexibilidade, o assumir a responsabilidade da trajetória da própria vida podem indicar uma velhice que vai muito além da espera da morte. O mais interessante é que as vidas dessas pessoas nem sempre foram ou são das mais fáceis.

A utilização do método história de vida tem como aspecto fundamental, ao nosso ver, exatamente essa possibilidade de apreender no contato com o campo às vezes o inesperado para o próprio pesquisador, além de confirmar ou não as inferências que inevitavelmente surgem no processo de aproximação do objeto de seu estudo.

Um dos sujeitos é cego, tendo nascido com um grave problema de visão que fazia com que muitas vezes não pudesse acompanhar às aulas. Operou-se várias vezes, melhorou e piorou outras tantas, mas conseguiu tornar-se um jornalista de renome e pôde dar vazão a sua paixão pelas Letras. Paixão essa que fazia um menino de 10 anos passar horas lendo filosofia. Aposentou-se às vésperas de completar 70 anos, quando foi tomado completamente pela cegueira, dessa vez sem esperanças. Ele atribui à fé um peso

muito importante em sua vida. Como não costuma sair, escuta a missa Dominical na televisão; além disso reza sempre ao acordar e antes de dormir.

Esse senhor é uma pessoa querida por amigos e familiares, e embora se entristeça com o problema de visão, procura se voltar para o que a vida tem a lhe dar.

Como podemos observar nos relatos acima, o fator religião - mais uma importante revelação do campo - surge de forma significativa nos discursos. Isso nos leva a pensar que a fé pode ser a origem da determinação dessas pessoas em vencer os obstáculos da vida, acreditando sempre na força do bem sobre o mal, o que faz com que mantenham uma atitude positiva frente a realidade.

No decorrer de nossas leituras nos deparamos com a idéia da prática religiosa como um importante vínculo com a vida, na idade avançada. Esse tema foi desenvolvido por Myriam Lins de Barros, 1980, em sua dissertação de mestrado sobre as mulheres na velhice. Além disso, Medeiros, 1981, observou em seu estudo de campo em um asilo que: "... todas as manhãs são rezadas missas na igreja por um velho padre, de origem polonesa, cujas palavras são mal entendidas. Essa missa é esperada com certa ansiedade por muitos residentes." É interessante acrescentar que observamos esse mesmo comportamento na instituição em que realizamos a fase preliminar desta pesquisa, ainda que se tratasse de outra religião.

Outro senhor sofre de Parkson há vinte anos, e mesmo tendo a vida limitada pela doença (não pode sair sozinho à rua), é dono de um grande senso de humor e mantém a sua vitalidade, apesar do físico abatido.

Uma senhora tem osteoporose há dez anos (vide citação), e foi uma das pessoas mais vibrantes com a vida dentre as que entrevistamos.

Outros dois senhores passaram por cirurgias cardíacas seríssimas, no último ano e, mesmo tendo que se manter a base de remédios, sentem-se felizes por sua saúde, na medida em que seus problemas estão sob controle. Ambos são bastante ativos e vivazes, embora bastante diferentes, um caseiro e mais sério e o outro bonachão e extrovertido.

Duas das senhoras, divorciadas, vivem sozinhas mas não se queixam de solidão na medida em que ambas têm o assédio constante dos amigos e da família, além das atividades solitárias, de que também não abrem mão.

Encontramos ainda um bonito exemplo de determinação e vivacidade no decorrer de nossa revisão bibliográfica. Sandra Medeiros, em sua dissertação de mestrado sobre a negação da morte, faz o seguinte relato:

" Há o exemplo de uma senhora de 96 anos que, apesar de ter sofrido uma fratura de fêmur, ter passado 6 meses internada recuperando-se, e estar com a visão bastante prejudicada, não permitia que qualquer empregado entrasse em seu quarto para arrumá-lo, lavava sua roupa íntima e lá jantava. Além disso percorria diariamente os corredores do seu andar visitando outras senhoras conhecidas com as quais tivesse criado relações de

amizade. Sua lucidez era impressionante. Citava quadras inteiras de poetas populares "do seu tempo" e era capaz de criar uma rima jocosa e irônica a respeito de quem conhecesse. Era uma das pessoas mais populares e conhecidas do asilo. Aos sábados, quando no salão havia música, dançava ao som do piano ou apenas ouvia." (Medeiros, 1981, p. 36)

No que diz respeito a sexualidade, encontramos um recato ainda grande entre as mulheres e discrição nos homens em falar no assunto.

Um dos homens, disse em seu relato:

" Ainda copulo duas vezes por semana. Muitas pessoas ficam com medo de dizer que copulam, por fatores de idade. Mas, você que é uma moça esclarecida, sabe que não existe impotência por idade. Existe impotência por fatores de saúde, físicos ou psíquicos" (Sr. O., 65 anos)

A propósito dessa colocação, temos um exemplo de um senhor que quando se aposentou, assumiu um quadro de impotência sexual. Nas palavras de sua esposa:

" Quando eu tinha quarenta e oito anos, meu marido se aposentou e desistiu de sexo. Ficamos como irmãozinhos. Eu briguei. Foi uma grande crise. Eu falei que ele estava sendo egoísta e que eu queria resolver o problema. Pedi a ele que fosse a um psicólogo, mas ele não quis. Pensei que ele tinha outra mulher e pedi que fosse embora. Ele negou. Af ele deu para beber. Pensei em me separar, mas tínhamos um filho temporão e no fundo, apesar dos desgostos, eu gostava dele.(...) Eu procurei, por recomendação de uma amiga, a Igreja Messiânica e com esse apoio passei a me sentir bem".(Sra. L., 66 anos)

Nessa situação parece que a aposentadoria foi associada a um estado de impotência geral que refletiu na vida sexual do indivíduo. Além disso, sabemos que a ansiedade e o stress podem levar à impotência (Butler & Lewis, 1985, p.51,52), conseqüentemente, qualquer acontecimento estressante é gerador de

ansiedade pode ser acompanhado de impotência. Entretanto, esse tipo de impotência é reversível desde que o indivíduo procure ajuda para lidar com as suas dificuldades.

A sra A., 73 anos, recém viúva do segundo companheiro, com quem viveu quatro anos, declarou:

" Tínhamos um relacionamento amoroso completo. O sexo acabou com o avanço da doença dele, por minha sugestão. Eu reparei que estava ficando difícil para ele... sabe, impotência. Agora para os amigos e pessoas de fora, dizíamos que a nossa relação era só de companheirismo e amizade, porque as pessoas recriminam, começam a falar."

Já o sr. A., 72 anos, frequentador assíduo de bailes, trouxe de forma bem humorada o assunto. Segundo ele:

" As mulheres mais velhas que frequentam os bailes só querem saber de sexo, de sentir o calor do corpo do homem. Namorei uma viúva; no segundo encontro ela me convidou para entrar no apartamento dela. Mal entrei, ela foi direto ao assunto, colocando as condições para ter sexo comigo. Eu fiz ela bem 'feliz', se é que você me entende. Só que depois ela só queria isso, em todos os encontros. Af não deu certo e acabei. Outra ocasião dancei uma valsa com uma senhora e senti que ela ficou toda assanhada; depois ela começou a me perseguir todos os bailes, querendo grudar. Por isso prefiro dançar com as mais novas que são alegres e só querem se divertir. As outras são muito carentes."

A sra N., 65 anos, afirma que:

" Tinha medo do sexo no início, e nunca fui muito ligada nisso. Agora eu viajo muito... já não temos sexo há muito tempo."

Por tudo o que ouvimos e lemos a respeito desse tema, acreditamos que exista uma continuidade na vida sexual no decorrer do processo de envelhecimento. Assim como a sra. N., acima citada, outras mulheres colocaram que não se preocupam com sua vida sexual, por não terem sido nunca muito voltadas para

isso: fato que atribuem a educação repressora que receberam.

Aqueles que tiveram uma vida sexual ativa e satisfatória ao longo dos anos relatam que, embora o sexo seja diferente de quando tinham vinte anos, continuam a manter relações sexuais com regularidade.

Entre aqueles que por um motivo, ou por outro, se encontram sem companheiro(a), alguns manifestam ter desejo sexual e vontade de encontrar alguém para ter um relacionamento amoroso. Investigamos junto a esses e verificamos que o sexo têm sido uma experiência gratificante para eles(as) em suas vidas. O contrário também é verdadeiro. Muitas pessoas sozinhas afirmam não sentir falta, alegando nunca ter dado muita importância a isso, ou terem vivido experiências desagradáveis ligadas a sexo.

Essa discussão vem corroborar nosso ponto de vista de que o envelhecimento, em seus diversos aspectos, está diretamente relacionado ao percurso vital. Para entendermos um fenômeno que se passa aos 70 anos, precisamos olhar para a história que o antecedeu.

Esse aspecto da continuidade, que estamos discutindo foi abordado em nossas conjeturas e encontramos nos discursos dos sujeitos algumas evidências de que de fato exista uma certa direção na forma de agir que se mantém ao longo da vida.

Na medida em que fomos acompanhando as histórias de vida dos sujeitos, observamos que certas características marcantes de suas personalidades estavam presentes desde a infância/juventude.

" Eu não mudei. Sou a mesma coisa, só que aprimorei o conhecimento da vida. Passei a fazer um julgamento melhor das pessoas e a conhecer melhor as coisas da vida." (Sr. R., 67 anos)

" Eu sempre tive muita determinação, muita firmeza nas coisas que eu desejo. Quando eu me determino a fazer alguma coisa, faço custe o que custar, até nas menores coisas. (...) Com a passagem dos anos, eu fui mudando para melhor, fui ficando mais tolerante com as pessoas, compreendendo e aceitando melhor a vida." (Sra. N., 65 anos)

Essas declarações trazem a tona a questão da maturidade, na medida em que referem-se a passagem dos anos como uma oportunidade de aprimoramento de certas qualidades.

A maturidade é decorrente da experiência que surge da relação do homem com o meio em que está inserido. Como vimos anteriormente, a maturidade não é necessariamente característica da idade avançada. Há essa coincidência, quando o fato de ter mais idade significa ter vivido mais experiências, sendo que, às vezes, devido às circunstâncias de suas vidas, as pessoas conseguem acumular muitas experiências em pouco tempo.

Assim o tempo de vida é importante dependendo de como tenha sido vivido, pois, mais do que a quantidade de experiências, é a qualidade destas que vai influenciar no nível de maturidade dos indivíduos.

Os depoimentos que se seguem exemplificam a idéia que queremos passar quando exaltamos a qualidade das experiências em detrimento da quantidade das mesmas, no desenvolvimento do ser humano.

" A gente morando na casa dos outros, eu... muito cedo comecei a perceber as coisas boas e ruins da vida. Então eu peguei uma vivência muito grande. Eu não tenho essa vivência pela idade não; eu tenho pela vida mesmo. Aos catorze, quinze anos, eu já pensava da mesma maneira que penso hoje. Eu tenho hoje em dia mais experiência vivida, é lógico. Agora, a minha forma de pensar a vida, essas coisas de homem, mulher, liberdade... tudo eu já pensava assim. (...) A minha personalidade é a mesma, só que com um gênio mais brando. " (Sra. L., 65 anos)

" Sou perfeccionista desde criança. Do primeiro ano até me formar sempre fui o melhor aluno. Não aceito o segundo lugar; vice é lanterna. Passávamos fome, eu cheguei a dormir de fome na aula, mas tirava sempre o primeiro lugar. (...) Eu vivo muito para mim... sempre fui exclusivista. Por isso achei ótimo ser filho único. (...) Os momentos mais marcantes da minha vida foram com a minha mulher (...) A minha esposa é aquilo lá que eu conheci aos catorze anos." (Sr. V., 68 anos)

Uma das senhoras entrevistadas viveu um evento traumático aos 70 anos que mudou o rumo que estava presente em todo o seu percurso vital. Até então ela tinha sido uma pessoa alegre, cheia de vida e de saúde, muito ativa, tendo inclusive enfrentado com sucesso um novo emprego aos 67 anos, para o qual submeteu-se a um curso prévio em Brasília. Viúva duas vezes de casamentos bem sucedidos, cultivara sempre sua liberdade e independência. Então, de repente começou a sentir fortes dores nas pernas e foi informada de que deveria operá-las, pois corria riscos de não poder mais andar. Operou uma e depois a outra, conforme a determinação do médico. Com isso se viu quase um ano em completa dependência dos cuidados alheios, sem poder fazer praticamente nada sozinha. O processo de recuperação exigiu o uso de cadeira-de-rodas e muletas. Pela primeira vez na vida, segundo ela, viu-se como um ser fraco e débil, o que a levou a uma

profunda depressão. Em decorrência de seu estado psicológico, perdeu todos os cabelos de uma região extensa da cabeça e os que sobraram enbranqueceram (eram grisalhos). Ela não queria que as pessoas a vissem debilitada e por isso se isolou. Quando a conhecemos, ela se encontrava melhor e ao saber desta pesquisa, ofereceu-se para ser entrevistada. Contudo, apareceram indícios de insegurança emocional e ausência total de interesse pelo sexo oposto, que consideramos estar relacionadas com os momentos de depressão e as oscilações de saúde. Sendo essa pessoa muito vaidosa, a calvície se torna um problema que afeta os relacionamentos.

No entanto, observamos que essa senhora já está começando a ensaiar os primeiros passos para uma futura "volta por cima". Ela tem frequentado palestras abertas ao público, viajou, ainda que um pouco ansiosa, para resolver uns problemas pendentes e afirmou que quando voltar pretende se submeter a uma psicoterapia para recuperar a "velha forma".

A reviravolta que essa pessoa está promovendo em sua atual situação de vida, ao nosso ver, tem raízes na sua história progressa.

Atribuímos as mudanças ocorridas ao longo do ciclo vital ao processo de crescimento do ser humano e, portanto todos os aspectos envolvidos nele apontados por Allport, entre outros: aprendizagem, identificação, sugestão, ou como acabamos de expor, traumas. No entanto, após a investigação que realizamos estamos

de acordo com Atchley quando ele afirma que mesmo os novos comportamentos seguem uma direção que tem raízes no passado.

Os resultados que encontramos indicam que há uma certa continuidade no modo de pensar e de agir ao longo do tempo, principalmente da idade adulta em diante. Nesse aspecto, homens e mulheres apresentaram resultados semelhantes.

A análise dos dados também nos leva a crer que existe uma relação de influência entre personalidade madura e atitude positiva frente ao envelhecimento tanto nos homens como nas mulheres.

Verificamos também que, embora esse grupo apresente um resultado geral homogêneo, inclusive sem diferenças significativas entre homens e mulheres, cada um demonstra e vive os aspectos estudados, de forma distinta.

Assim, dois indivíduos podem ter sido considerados vivazes pela alegria de viver que manifestam e ter declarações completamente diferentes sobre o mesmo tema, por exemplo:

" Quando me aposentei, não senti vazio, nem oco. E não senti saudade nenhuma." (Sra. A., 73 anos)

" Foi muito ruim me aposentar. Ficar dentro de casa não dá. Fiquei dentro de casa três meses e fiquei enjoado. A melhor coisa que me aconteceu foi esse emprego ter aparecido. Trabalho de meio-dia às nove horas da noite e acho ótimo." (Sr. M., 74 anos)

" A aposentadoria mudou minha vida para melhor. Agora trabalho em casa com as traduções." (Sr. V. ; 68 anos)

De forma que, os resultados obtidos nessas entrevistas

corroboram a idéia de que o envelhecimento é um processo individual e cada velhice tem as suas particularidades que estão diretamente relacionadas a personalidade que se formou ao longo do ciclo vital. Sendo que essas diferenças individuais implicam em diferentes percepções do mundo e portanto, diferentes comportamentos, mesmo frente a situações semelhantes.

Nos parece importante observar que estamos cientes da fragilidade desse tipo de estudo: grupo pequeno, análise qualitativa e portanto sujeita a interpretação do investigador. Sabemos também que as categorias utilizadas não atingiram o ideal teórico exigido, na medida em que não são rigorosamente objetivas, nem exclusivas, contudo consideramo-las bastante pertinentes e produtivas*, ainda que os dados não sejam exatos.

A esse respeito, coloca-se Bardin (1988, p.36) :

" Os analistas principiantes, debitam de boa vontade as famosas regras, às quais devem obedecer as categorias de fragmentação da comunicação para que a análise seja válida, embora essas regras sejam, de facto, raramente aplicáveis* ."

(* Grifo nosso)

-
- * Objetivas - codificadores diferentes devem chegar a resultados iguais;
 - Exclusivas - um mesmo elemento do conteúdo não pode ser classificado aleatoriamente em duas categorias.
 - Pertinentes- O sistema de categorias deve refletir as intenções da investigação, as questões do analista e / ou corresponder às características das mensagens.
 - Produtivas - Um conjunto de categorias é produtivo se fornece resultados férteis em índices de inferências, em hipóteses novas e dados exatos.
(Bardin, 1988, p.36 e 120)

O grupo desta pesquisa se formou a partir da disponibilidade das pessoas em participarem das entrevistas. Esse fator pode ter sido responsável por uma certa homogeneidade que caracterizou o grupo, no sentido de serem pessoas maduras e que apresentavam uma atitude positiva frente ao envelhecimento. Acreditamos que o simples fato de aceitarem participar, por si só possa significar mais abertura pessoal e maior segurança emocional.

Essa colocação ganha força com o fato de várias pessoas, na sua maioria homens, terem se recusado a participar da pesquisa por acharem que não teriam contribuição a dar; juntamente com a nossa observação da ansiedade que algumas vezes surgia em função do convite para a entrevista.

Ouvimos coisas do tipo:

" Não tenho nada para contar de interessante. Minha vida não vale mais nada." (homem)

" Nesses dias, não tenho tempo, mas me dá seu telefone que eu te ligo depois, quando estiver livre." (mulher)

" Eu sou muito nervoso: não sirvo para dar entrevistas"

" Eu sou um homem muito doente: não tenho mais nada para falar."

" Eu não me sinto bem. Desculpe, mas acho que não tenho nada para falar." (mulher)

Observamos que as recusas muitas vezes pareciam estar relacionadas a uma baixa auto-estima, mas é apenas uma inferência.

Entretanto, em nenhum momento tivemos a intenção de mostrar a velhice como um mar-de-rosas. Queríamos sim, encontrar e apontar evidências de que ela não precisa ser necessariamente um calvário e que muitas vezes pode ser boa e gratificante.

E principalmente, que não podemos aceitar uma imagem pejorativa da velhice, o que além de não corresponder a realidade, conforme verificamos no campo, em nada contribui para a melhoria de vida dos idosos.

V- CONCLUSÃO

Observamos que no que diz respeito a alguns aspectos orgânicos, estéticos e sociais os sessenta e cinco anos podem representar um momento em que uma série de mudanças que vêm ocorrendo ao longo da vida tornam-se evidentes, talvez por sua ação conjunta.

Mas, o que dizer daquelas pessoas que mesmo aos sessenta e cinco anos, em função de particularidades de sua história (boa alimentação, prática de esportes) e de características geneticamente adquiridas, não apresentam os cabelos brancos, a pele enrugada e ainda possuem fôlego para levar uma vida agitada, ou praticarem com destaque alguma modalidade esportiva.

Dizemos que parecem ter dez ou quinze anos a menos: em suma, que esses não estão "velhos". Assim a sociedade manifesta o seu preconceito, deixando para os idosos somente as qualificações pejorativas. Como se quiséssemos esquecer que alguns dos "males" frequentemente atribuídos à velhice possam nos atingir antes da marca dos sessenta e cinco anos.

Acreditamos que esses preconceitos possam nos condenar a uma velhice triste. Que auto-imagem pode ter um(a) idoso(a) que passou toda a vida depositando na velhice tudo o que há de pior e mais feio?

Nós construímos nossa velhice no decorrer da vida sem nos darmos conta. Construímos a partir de nossas vivências e da

seleção e assimilação dos valores que a sociedade tenta nos impor a esse respeito.

E que valores são esses que nos acompanham pela vida afóra?

São idéias do tipo:

- " Velhice é a época da regressão ";
- " É o período no qual as funções se tornam mais lentas ";
- "O idoso não tem condições de trabalhar";
- "O idoso não tem vida sexual";
- "O idoso é um ser dependente de outros, tornando-se um peso para esses".

Ou então generalizam-se para os idosos sadios, comportamentos inadequados que fazem parte do repertório comportamental daqueles idosos que sofrem de distúrbios mentais: falar coisas sem nexos, agressividade gratuita, tirar a roupa em público e quaisquer outras coisas características da falta de saúde mental. Sabemos que distúrbios mentais podem se manifestar no decorrer da vida de um indivíduo. Este, independentemente da idade, apresentará os mesmos comportamentos inadequados, que são erroneamente associados a velhice.

Essa é a velhice que aprendemos socialmente. Assim o que nos espera é a apologia da falta: falta de saúde, falta de trabalho, falta de atividade, falta de companhia, falta de desejo, falta de senso crítico (nada mais assustador que a imagem do ridículo).

Ocorre que em função das pressões sociais, muitas pessoas tal qual Peter Pan, o menino que não queria crescer, lutam desesperadamente para se manterem jovens, vivendo em conflito permanente com o ciclo natural da vida (Magdalena Léa fala muito bem a esse respeito em seu livro "Quem tem medo de envelhecer", 1989). Na verdade essas pessoas temem o estereótipo da velhice que pressupõe o idoso como um ser sem qualificações dignas de admiração e respeito.

Mas, nem todos os indivíduos são atingidos com essa intensidade pelos preconceitos sociais. Quando iniciamos este estudo pretendíamos investigar as variáveis que estavam envolvidas nessas diferenças de atitudes nos idosos, fato que havíamos observado superficialmente em nosso cotidiano.

Os autores que consultamos nos levaram a entender o envelhecimento como um processo individual, único e diretamente relacionado com as características de personalidade; estas seriam as responsáveis pelas diferenças interpessoais ao longo da vida. De modo que para compreendermos qualquer momento do ciclo vital de uma pessoa temos que investigar a sua história de vida até então.

Assim o "jeito da pessoa ser" pode ser o principal fator determinante da velhice que ela possa vir a ter. Ou, em outras palavras, a partir da análise de como um indivíduo vem se comportando ao longo de sua vida, podemos inferir como é o idoso(a) em potencial que ele carrega dentro de si.

Desta forma, se alguém demonstra falta de flexibilidade e dificuldade de adaptação às mudanças que vêm se sucedendo desde que veio ao mundo, provavelmente apresentará também sérias dificuldades em lidar com as limitações impostas pela idade. Em contrapartida, algumas pessoas parecem lidar muito bem com tais limitações, que são por elas encaradas com a naturalidade de quem já aprendeu em outras experiências semelhantes a superar as as perdas que envolvem os momentos de transição.

Os dados obtidos no campo demonstraram que é possível vivenciar a velhice de forma positiva, e que o nível de crescimento pessoal ou maturidade das pessoas vem a ser um dos grandes responsáveis por esse tipo de atitude.

Encontramos alguns aspectos marcantes comuns aos sujeitos desta pesquisa que podem sugerir novos estudos: são eles: a determinação, a flexibilidade, a consciência da responsabilidade pela condução da própria existência e a fé que se manifesta com frequência através de uma prática religiosa ou de alguma filosofia condutora da vida.

A religião parece favorecer uma ampliação do universo das pessoas na medida em que se contrapõe ao egocentrismo, ao questionar problemas universais como as diferenças sociais, as injustiças, a responsabilidade em relação aos semelhantes, fornecendo um sentido de ordem superior à existência. No entanto essas são apenas inferências, que merecem maiores investigações.

Observamos ainda que aqueles que elegem apenas um objeto de interesse, e nele concentram toda a sua vida, não sabem o que fazer quando o perdem. É o caso dos homens que se dedicam apenas ao trabalho ou das mulheres que obtêm prazer apenas no convívio com os filhos. Esses homens, com a aposentadoria, e essas mulheres, com a saída dos filhos de casa, não encontram mais sentido na vida.

O que faz com que essas pessoas tenham um universo tão restrito de interesses? Como a psicologia poderia estimular o desenvolvimento das potencialidades humanas nas direções propostas por Allport? Essas são algumas questões que nos surgiram a partir de nossa investigação.

No âmbito da sociologia, seria interessante estudar a que objetivos atende a imagem pejorativa velhice, em um momento de crescimento da população idosa no Brasil. Este trabalho buscou exaustivamente, fornecer subsídios que permitam questionar a validade das difundidas distorções acerca do envelhecimento.

Embora o delineamento dessa pesquisa e os instrumentos de coleta e análise dos dados não nos permitam fazer afirmações, acreditamos que conseguimos reunir evidências significativas de que:

- Sendo o envelhecimento um processo, a velhice nada mais é do que o prolongamento das fases que a antecederam.

- O desejo sexual e a prática do sexo na terceira idade são fenômenos normais e saudáveis e a forma como se manifestam

está relacionada a vivência da sexualidade nas fases anteriores da vida.

- Velhice e doença (de caráter físico ou psíquico) são fenômenos distintos, e ainda que possam aparecer juntos, isso não ocorre necessariamente.

- O idoso tem potencial para o trabalho.

- A personalidade e o nível de maturidade são variáveis que influenciam na atitude adotada na velhice, sendo responsáveis pelas diferenças individuais ao longo do ciclo vital.

- A personalidade madura favorece uma atitude positiva na velhice.

- A fé de fundo religioso ou filosófico contribui para uma atitude positiva frente ao envelhecimento.

Esperamos que este estudo possa colaborar para a realização de futuras pesquisas, que venham a acrescentar novos conhecimentos sobre o tema, ou verificar experimentalmente a validade dos resultados encontrados.

VI - BIBLIOGRAFIA

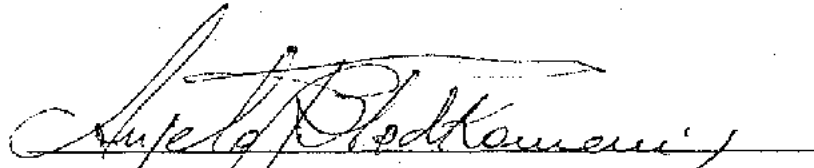
1. ALLPORT, Gordon W. *Psicologia de la Personalidad*. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1961.
2. _____ *Personalidade Padrões e Desenvolvimento*. São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1966.
3. ATCHLEY, Robert C. Retirement and leisure participation : Continuity or crisis ? *The Gerontologist*, 1971, p. 13 - 17.
4. _____ *The leisure of the elderly*, *The Humanist*, sep./oct. 1977.
5. BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*, Lisboa, Edições 70, 1988.
6. BARROS, Myriam M. Lins de. *Dissertação de Mestrado: Testemunho de vida: Um estudo antropológico de mulheres na velhice*, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional do Rio de Janeiro, 1980.
7. BASTIDE, Roger. *Introdução a dois estudos sobre a técnica das histórias de vida in : Sociologia*, São Paulo, mar/ 1953 15 v., n 1.
8. BEAUVOIR, Simone. *A Velhice*, São Paulo, Difel, 1976.
9. BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*, São Paulo, Edusp, 1987.
10. BRINK, T. L. *Psicoterapia Geriátrica*, Rio de Janeiro, Imago, 1983.

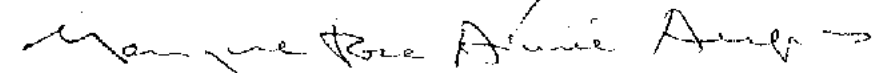
11. BUTLER, Robert & LEWIS, Mirna. Sexo e Amor na Terceira Idade, São Paulo, Summus, 1985.
12. CANDAS, Cilene. A condição humana do velho, São Paulo, Gortez, 1985.
13. CERVO, Amado & BERVIAN, Pedro. Metodologia científica, São Paulo, Mc Graw-Hill, 1983.
14. DEBERT, Guita. Envelhecimento e representação da velhice, Ciência Hoje, v.8 (n.44), p.61-68, Julho, 1988.
15. DELTA LAROUSSE, Rio de Janeiro, v.15, p.6957, 1971.
16. ERIKSON, Erik H. Infância e sociedade, Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
17. _____ Identidade, Juventude e crise, Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
18. GIL, Antonio G. Métodos e técnicas de pesquisa social, São Paulo, Atlas, 1989.
19. GLAT, Rosana. Somos Iguais a vocês, Rio de Janeiro, Agir, 1989.
20. GOFFMAN, Erving. Estigma, Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
21. GOLDMAN, Frank P. & GOLDMAN, Demarisse M. Alguns aspectos sobre o processo de envelhecer, São Paulo, Franciscana, 1977.
22. HADDAD, Enelda G. M. de. A ideologia da velhice, São Paulo, Gortez, 1986.
23. KAUFMANN, Tania. A idade de cada um: vida plena na velhice, Petrópolis, Vozes, 1982.

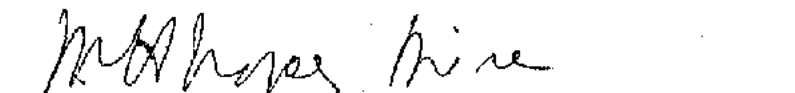
24. KERLINGER, Fred N. Foundations of Behavioral Research, New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc, 1973, second edition.
25. _____ Metodologia da pesquisa em ciências sociais, São Paulo, E.P.U., 1980.
26. LEA, Magdalena. Quem tem medo de envelhecer ?, Rio de Janeiro, Salamandra, 1989.
27. MEDEIROS, Sandra A. Dissertação de mestrado: A Negação da Morte na Velhice: um estudo fenomenológico, PUC do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 1981.
28. MISHARA, Brian & RIEDEL, Robert. Le Vieillessement, Paris, Presses Universitaires de France, 1985.
29. NUNES, Jaira de A. Dissertação de Mestrado: Só quem sabe é quem sente, PUC do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia.
30. QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Histórias de vida e depoimentos pessoais. In: Sociologia, São Paulo, mar/1953, 15 v., n.1 .
31. SKINNER, Burrhus F. & VAUGHAN, M. E. Viva bem a velhice, São Paulo, Summus, 1985.
32. TELFORD, Charles W. & SAWREY, James M. O indivíduo excepcional, Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
33. THOMAE, H. Personalidad y Envejecimiento, Revista Latinoamericana de Psicologia, 14 v.(n.3), 1982, p.325-339.
34. VIORST, Judith. Perdas necessárias, São Paulo, Melhoramentos, 1990.

35. WAGNER, Eivira M. Amor, sexo e morte no entardecer da vida, São Paulo, Calçara, 1989.
36. _____ & NERI, Anita L. Opiniões de pessoas de diferentes faixas etárias sobre velhice: Um estudo exploratório, Estudos de Psicologia, n.2 e 3, ago/dez, 1985.
37. WEYNE, Vládia de C. Dissertação de Mestrado: Estudo sobre psicoterapia de velhos - Uma fenomenologia da velhice, PUC do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 1975.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/Rio, pela aluna MONIQUE BERTRAND CAVALCANTI, intitulada PERSONALIDADE E ENVELHECIMENTO: UM ESTUDO SOBRE AS DIFERENÇAS INDIVIDUAIS NA VE LHICE. Fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores :

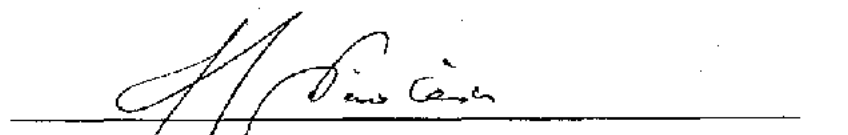

Profª Angela Baraf Podkameni
Profª Orientadora - PUC/Rio


Profª Monique Rose Aimée Augras
PUC/Rio


Profª Maria Helena Novaes
PUC/Rio

Visto e permitida a impressão.

Rio de Janeiro, 20 de Março de 1992.


Profª Ana Maria Nicolaci-da-Costa
Coordenadora dos Programas de Pós-Graduação
do Centro de Teologia e Ciências Humanas .